

NOTÍCIAS E COMENTÁRIOS

ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE ESTUDOS CLÁSSICOS

ANO LECTIVO DE 1982/1983

Em reunião de 29 de Novembro de 1982, a Assembleia-Geral dos sócios da A. P. E. C. reelegeu — por proposta do Dr. Custódio Lopes dos Santos, aprovada por unanimidade — a Direcção do ano anterior.

O Tesoureiro, Doutor Manuel de Oliveira Pulquério, havia apresentado o relatório das contas de 1981/1982, em que se regista um pequeno saldo positivo. O seu trabalho foi aprovado e louvado.

O Presidente, Doutor Américo da Costa Ramalho, estudou em seguida, com a colaboração dos sócios presentes, o programa de actividades para o ano que ia iniciar-se.

Na sessão de 13 de Dezembro, o Dr. Mário de Castro Hipólito ocupou-se de *Duas moedas gregas, ditas da serra do Pilar*, por se afirmar que foram encontradas naquela região, cerca de 1928; hoje fazem parte da colecção do Instituto Dr. Mendes Corrêa, da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto. No entender do Dr. Mário Hipólito, trata-se de duas tetradracmas, uma de Atenas, dos finais do século V a. C., outra de Alexandre Magno, cunhada em Mirandro, cerca de 326-323. O exame de algumas marcas exibidas por ambas as moedas, nomeadamente, na peça alexandrina, de um punção com a forma de uma abelha, bem como a consideração de outros dados, levam o Dr. Mário Hipólito a pôr em dúvida a opinião, até agora não contestada, de um achado ocorrido em Portugal.

A comunicação foi ilustrada com diapositivos. O Dr. Mário Hipólito deu ainda alguns esclarecimentos suplementares, que lhes foram solicitados por alguns alunos e pelos Doutores Américo da Costa Ramalho, Maria Helena da Rocha Pereira e Nogueira Gonçalves.

Aspectos relevantes do legado greco-latino em "artes de gramática" modernas foi o tema da comunicação apresentada, em 20 de Janeiro de 1983, pelo Doutor Amadeu Torres. Partindo da consideração do

programa ambicioso de Dionísio Trácio, que definiu a gramática como *empeiría tōn legoménon* («conhecimento empírico do que se diz») — desligado, portanto, da filosofia e de quaisquer níveis especulativos —, o Doutor Amadeu Torres procurou mostrar que tal programa nunca se realizou, a despeito de algumas tentativas, de início brilhantes, nem poderá realizar-se, por implicar a negação da génesis do grammaticalismo ocidental e da sua tradição multissecular e, ao mesmo tempo, a aceitação de noções e ideário gramaticais assentes no puro descritivismo, na sincronia epidérmica sem recursos explicativos fundamentadores. A afirmação é válida, mesmo para aqueles que intitularam e estruturaram os seus compêndios ou tratados dentro do esquema conceitual da *ars* (e não da *scientia*), já que normalmente se não confinaram aos jogos tecnicistas cujos modelos mais acabados surgiram nos vários estruturalismos (sobretudo no de linha bloomfieldina, de grande mérito, mas de êxito não completo). A gramática — acentuou o Doutor Amadeu Torres — nasceu à sombra da filosofia helénica; o legado greco-latino é claramente detectável, quer na fonética e na morfologia, quer na sintaxe: nesta última principalmente a partir de Apolónio Díscolo, sem esquecer o contributo de Platão e Aristóteles para o binarismo analítico proposicional. Este estudo só foi enriquecido de novas achegas a partir dos artigos da *Encyclopédie* e, se foi secundarizado pela teoria valencial de Tesnière ou inovado, sem grande êxito, pela de Martinet, hoje é exaltado pelo transformacionalismo chomskyano. Se não poucos gramáticos — acrescentou o Doutor Amadeu Torres — foram filósofos, muitos mais filósofos foram gramáticos também: Abelardo, Santo Anselmo, séculos atrás o próprio Prisciano; os modistas, apesar dos seus exageros; Pedro Hispano, Pedro da Fonseca, São Tomás, Guilherme de Ockham, Leibnitz. Além disso, as gramáticas, latinas ou vernaculares, quer aquelas em que prevaleceu a *ratio* — como a *Minerva* de Sánchez de las Brozas, a *Grammaire générale et raisonnée* de Port-Royal ou a *Gramática filosófica* do nosso Jerónimo Soares Barbosa (1822) —, quer aquelas em que se evidenciou o *usus* — como a de Despautério —, quer as outras em que se patenteia relativo equilíbrio — como em Nebríja, Estêvão Cavaleiro, Pierre de la Ramée —, nenhuma delas existiria, se os seus autores não houvessem longamente bebido nas fontes clássicas de que é tributária a nossa civilização e cultura. Com razão — concluiu o Doutor Amadeu Torres — pôde Guy Serbat afirmar que «a análise das origens não é uma distracção de curiosos, mas o meio de

fazer aparecer as nossas próprias raízes»: neste caso as de um grammaticalismo que, entroncando em uma tradição simultaneamente formal e mentalista, não poderá, sem autonegação ou deperecimento, transformar-se em simples *empeiria* sem apoio causal ou explicativo.

Intervieram na apreciação final do trabalho o Doutor Américo da Costa Ramalho e os Drs. Adelina Angélica Coxito e Custódio Lopes dos Santos.

Na sessão de 28 de Fevereiro, o Doutor Jorge Alves Osório falou sobre *Um contributo francês para o ensino coimbrão no século XVI: à edição do "Organon" de Aristóteles*. Começou por lembrar que, chegado a Coimbra para ensinar filosofia no Colégio das Artes, Nicolau de Grouchy aí fez publicar, em 1548 e 1549, o conjunto dos textos do *Organon* aristotélico, recorrendo, em parte, à tradução latina que, pouco antes, Joaquim Péron elaborara em França. Observou, a seguir, que, surgindo pouco depois da polémica ramista sobre o Estagirita, a iniciativa denunciava o pró-aristotelismo de Grouchy e do ensino ministrado no Colégio Real; mas exprimia, sobretudo, a preocupação de aproximar Aristóteles do terreno dos humanistas e de valorização da Retórica, no âmbito dos estudos de humanidades. Tal orientação — concluiu o Doutor Jorge Osório — patenteia-se de modo particular no domínio lexical, na medida em que o tradutor procura afastar alguma terminologia da tradição escolástica, habitual nas versões anteriores.

O autor respondeu ainda, no final, a algumas questões levantadas pelos Doutores Américo da Costa Ramalho e Sebastião Tavares de Pinho.

Os nossos mais antigos documentos em latim após a invasão árabe foi o tema da comunicação apresentada, em 16 de Março, pelo Doutor José Geraldes Freire. O autor começou por definir alguns pressupostos que servem de base ao estabelecimento dos textos autênticos: exame dos cartulários e documentos avulsos; distinção entre falsificação, interpolação e antedatação; recusa de credibilidade da data da documentação relativa à polémica entre Lugo e Braga entre 745 e 863; afastamento, por antedadados e interpolados, dos três primeiros documentos dos *Diplomata et Chartae*. Pôde assim estabelecer os seguintes documentos mais antigos até 883 (isto é: há 1 100 anos); inscrição da igreja de Castelo do Neiva (862), *DC* 4 (867-912), *DC* 5 (870),

DC 6 (870), *Liber Fidei* n.º 16 (cerca de 873), *DC* 7 (874), *DC* 8 (875), *DC* 9 (882; constitui o nosso autógrafo mais antigo), *DC* 10 (883) e *DC* 11 (883). Examinou, por último, em ordem a uma demonstração do trabalho filológico que exige a recta interpretação destes documentos, os problemas de crítica textual levantados pelo *Collmellus diuisionis* (867-912) e pela Doação de São Miguel de Negrellos (870).

Intervieram na apreciação final do trabalho os Doutores Manuel de Paiva Boléo, Américo da Costa Ramalho e Manuel de Oliveira Pulquério, e os Drs. Carlos Alberto Louro Fonseca e Custódio Lopes dos Santos.

Em 13 de Abril, o Doutor Jorge de Alarcão apresentou uma comunicação intitulada *Raízes do Alentejo: as escavações de São Cucufate*. As campanhas realizadas pelo autor, desde 1979, na villa romana de São Cucufate (concelho da Vidigueira), de colaboração com o arqueólogo Robert Étienne, permitiram descobrir que a primeira edificação, levantada no século I da era cristã, foi demolida nos inícios do IV; no mesmo lugar, construiu-se outro prédio mais amplo, cuja arquitetura manifesta as novas tendências artísticas do Baixo-Império. As escavações puseram já à vista, por completo, a parte urbana e avançam na parte rústica, onde, além das instalações dos criados de lavoura, se descobriu um lagar. No século XIII estabeleceu-se no edifício um convento de frades da ordem dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho. A villa romana serviu de mosteiro até aos fins do século XVI ou aos inícios do XVII, altura em que foi definitivamente abandonada. O autor chamou a atenção para o regime latifundiário do Alentejo romano, regime que persistiu através da Idade Média até aos tempos modernos.

A comunicação foi ilustrada com numerosos diapositivos. O Doutor Jorge de Alarcão deu ainda algumas informações complementares que lhe foram solicitadas pela assistência.

A presença de arquitectos e engenheiros italianos no Renascimento peninsular foi objecto de uma comunicação apresentada, em 25 de Maio, pelo Doutor Pedro Dias. Na opinião do seu autor, a Espanha, antes de Portugal, beneficiou da superior cultura artística e excelente capacidade técnica de arquitectos italianos como Michele Carlone e Francesco Florentin, que deram considerável impulso à arte de cons-

truir e decorar palácios e templos, sobretudo nas regiões do sul. Portugal, no entanto, também aproveitou do labor de alguns desses artistas, nomeadamente Francesco Cremonese, o arquitecto privativo do cardeal D. Miguel da Silva. No fim do século, foi sobretudo Filippo Terzi quem se impôs; mas terá sido no campo das construções militares que a acção destes arquitectos mais se fez sentir, não só na metrópole como também nas terras de além-mar. Digno de especial relevo, durante o reinado de D. João III, foi o labor de Benedetto di Ravenna.

A comunicação foi ilustrada com projecções. O Doutor Pedro Dias respondeu a vários pedidos de esclarecimento que lhe foram dirigidos.

ANO LECTIVO DE 1983/1984

Na Assembleia-Geral dos Sócios, realizada em 30 de Novembro de 1983, o Tesoureiro cessante, Doutor Manuel de Oliveira Pulquério, apresentou o relatório das contas de 1982/1983. Verificando-se que, neste lapso de tempo, as cotizações — única fonte de receita da A. P. E. C. — não bastaram para cobrir as despesas, propôs que a cota anual dos sócios efectivos fosse aumentada para duzentos e cinquenta escudos e a dos sócios-estudantes para cem escudos. Esta proposta foi aprovada.

Para fazer chegar ao grande público, sobretudo do ensino secundário, a voz da Associação na defesa dos interesses da cultura greco-latina, o Doutor José Geraldes Freire sugeriu que, seguindo o exemplo de outras instituições, se fizesse uma consulta à Radiotelevisão Portuguesa e à Radiodifusão Portuguesa sobre a possibilidade de a A. P. E. C. usufruir também de Tempo de Antena. Recordou-se, a propósito, que o antigo presidente do Senegal, Leopold Senghor, propôs, em recente congresso realizado em Lisboa, que o latim e o grego fizessem parte do currículo normal do ensino secundário em todos os países de língua românica.

Voltou a ser debatido o problema da necessidade de esclarecimento das escolas secundárias, sobretudo da Região Centro, sobre as condições de acesso às licenciaturas em Línguas e Literaturas Clássicas e Línguas e Literaturas Modernas (área de Românicas), no que respeita à exigência mínima de dois anos de latim.

Levantou-se também a questão, agora em estudo, da reestruturação de grupos no ensino preparatório e secundário. Acentuou-se que, nas comissões de estudo, deverá estar presente, conforme a área em debate, um representante do ensino superior. A este propósito, ponderou-se a necessidade de formular, em moldes diferentes dos actuais, a indicação do *numerus clausus* para a licenciatura em Línguas e Literaturas Modernas: esse número deverá referir-se a cada uma das respectivas variantes, e não ao grupo, globalmente considerado.

O Dr. Custódio Lopes dos Santos propôs que fosse reconduzida a Direcção da A. P. E. C. do ano anterior. Esta proposta foi aprovada por unanimidade.

Como habitualmente, o Presidente reeleito estudou, com os sócios, o programa de actividades a realizar ao longo do ano lectivo.

A Lua Negra do poeta foi o tema da comunicação apresentada, na sessão de 15 de Dezembro, pelo Doutor Walter de Medeiros, que evocou o doloroso amor que uniu Propério a Cíntia e constituiu a fonte principal de inspiração do grande elegíaco.

Intervieram na apreciação final do trabalho os Doutores Américo da Costa Ramalho e Ofélia Paiva Monteiro, e o Dr. Francisco de Oliveira.

Na sessão de 26 de Janeiro de 1984, a Doutora Maria Helena da Rocha Pereira apresentou uma comunicação intitulada ‘*Vtile dulci*’ nas “*Recreações Botânicas*” da Marquesa de Alorna. Depois de situar na tendência da época para buscar inspiração nas ciências (sobretudo da natureza) a composição, por D. Leonor de Almeida — durante o exílio em Inglaterra —, deste longo poema em seis cantos, mostrou como Alcipe conseguiu, segundo o preceito horaciano do *utile dulci*, amenizar o seu longo e rigoroso catálogo de espécies botânicas mediante a inserção de episódios de diversas origens, quer servindo-se da tradição mitológica, quer da nota histórica, da confidência pessoal, da história romântica. De entre estes episódios, muito numerosos, deu maior relevo aos que parecem derivar de invenção própria, como o do Génio de Lineu e o de Viriato, e aos trechos que se distinguem pelo seu valor histórico-cultural, como a descrição do túmulo de Virgílio e a alusão aos recém-descobertos vasos gregos.

A Doutora Maria Helena da Rocha Pereira prestou ainda, no final, alguns esclarecimentos complementares que lhe foram solicitados

pelos Doutores Américo da Costa Ramalho, Aníbal Pinto de Castro, Ofélia Paiva Monteiro e Maria Irene Ramalho de Sousa Santos.

O Doutor Américo da Costa Ramalho apresentou, em 8 de Fevereiro, uma comunicação intitulada *Coimbra quinhentista em dois epigramas latinos*, ambos de António de Cabedo («Ad Cetobricam, patriam suam» e «De Conimbrica epigramma»), impressos no século XVI e reimpresos no volume I do *Corpus illustrium poetarum Lusitanorum qui latine scripserunt*. Depois de referir a carreira universitária de António de Cabedo, que se bacharelou em Cânones na Universidade de Coimbra em 18 de Julho de 1554, mencionou alguns dos seus poemas latinos e a sua amizade com Inácio de Morais, autor do *Conimbricæ encomium*, publicado em 1554. Analisou, em seguida, o primeiro dos dois epigramas, em que são visíveis as reminiscências do carme 31 de Catulo, embora Cabedo tenha substituído por hendecassílabos falécios (metro, aliás, catuliano) os trímetros iâmbicos escazontes do poeta latino. Nesta poesia, a Bitínia é Coimbra (não tanto a cidade como os habitantes) e a almejada Sírmio, Setúbal, sua terra natal. Tratou, por último, do segundo epígrama, que compensa largamente Coimbra, e sobretudo a sua Universidade, das beliscaduras do primeiro. O pequeno poema, de grande poder evocativo, recorda pormenores da cidade de antanho, com a mole do palácio real e as muralhas ao alto, e no vale as águas, então límpidas, do Mondego e o *O* da ponte.

Na troca de impressões que se seguiu intervieram os Doutores Maria Helena da Rocha Pereira, José Geraldes Freire e António de Oliveira, o Dr. Júlio César Couceiro de Barros e o estudante Belmiro Pereira.

Lutero e a Bíblia foi o tema da comunicação apresentada, em 21 de Março, pelo Doutor Manuel Augusto Rodrigues. Começou por se referir às celebrações do quinto centenário do nascimento de Lutero, em especial na República Federal da Alemanha e na República Democrática Alemã, mencionando as principais realizações, nomeadamente na Herzog-August Bibliothek de Wolfenbüttel e em Estugarda. Passou depois a falar das várias interpretações dadas à personalidade e à obra do reformador de Wittenberg, desde o século XVII até aos nossos dias, com especial atenção para os autores pietistas e do romantismo e o teólogo Karl Barth. Ocupou-se, por último, do percurso espiritual e científico de Lutero, do impacto da sua mensagem, do conteúdo

teológico e cultural que encerrava, da expansão editorial das suas obras, da influência linguística que exerceu, e de outros temas ainda, como a relação da Bíblia Alemã com a vida cultural e religiosa da época.

O Doutor Manuel Augusto Rodrigues deu, no final, alguns esclarecimentos complementares que lhe foram solicitados pelo Doutor Américo da Costa Ramalho, pela Dr.^a Nair de Nazaré Castro Soares e pelo estudante País Monteiro.

Na sessão de 4 de Abril, o Dr. Carlos Ascenso André ocupou-se de *A dimensão visual da epopeia camoniana*. Partindo da máxima horaciana *ut pictura poesis* — que se transformara, no século XVI, em objecto de polémica —, mostrou como “poesia muda” e “pintura que fala” são dois reflexos dessa querela em *Os Lusíadas*. Depois de fornecer alguns dados estatísticos, estudou o vocabulário visualizante do poema, em especial o relacionado com as artes plásticas, e a íntima conexão que se observa entre a cor e a estrutura diegética (assim, por exemplo, os cantos II e IX são os mais “coloridos” e os cantos V e VI os mais “negros”). Deu, a seguir, vários exemplos de pictorialismo no poema, repartidos entre a simples alusão, o esboço, a descrição geográfica e o grande painel de pormenor; e explicou o significado particular de que se revestem alguns momentos traduzíveis plasticamente em polípticos (chegada a Melinde, batalha de Ourique, os Doze de Inglaterra, Calecute) e certos quadros animados de intenso dramatismo (tempestade, perseguição na Ilha dos Amores, etc.). Encareceu, por último, a importância do “nu” e analisou, em termos “visuais”, as pinturas mais relevantes, como os retratos de Vénus ou de Adamastor, a encenação da tempestade e a paisagem da Ilha dos Amores.

Intervieram na apreciação final do trabalho os Doutores Manuel de Paiva Boléo, Américo da Costa Ramalho e Jorge Alves Osório, e os Drs. Maria Teresa Schiappa de Azevedo e Eduardo de Vasconcelos.

Problemas literários da “Vita Sancti Theotonii” foi o tema da comunicação apresentada, em 9 de Maio, pelo Doutor José Geraldes Freire. O seu autor começou por traçar uma breve história do género historiográfico na literatura cristã, na Hispânia romano-visigótica e na literatura latina medieval em Portugal. Analisou, depois, alguns problemas histórico-literários da *Vita Sancti Theotonii*, o primeiro

prior de Santa Cruz de Coimbra (cerca de 1080-1162): o manuscrito existente na Biblioteca Municipal do Porto, as edições latinas, as traduções portuguesas, a divisão do texto e a data provável da redacção. Mereceu-lhe particular interesse a tentativa de identificação do autor da *Vita*, cuja fisionomia moral e cultura documentou, a partir do exame do próprio texto latino. Utilizando, por último, os tópicos da hagiografia medieval, evocou alguns episódios da vida de São Teotónio, sem esquecer as suas relações com a família real (especialmente com D. Afonso Henriques), e procurou delinear a cultura do próprio santo.

Seguiu-se uma troca de impressões em que intervieram os Dou-tores Manuel de Paiva Boléo, Américo da Costa Ramalho e Sebastião Tavares de Pinho, e os Drs. Nair de Nazaré Castro Soares, Eugénio Amaral e Mário Nunes.

Na sessão de 29 de Junho, o Doutor Sebastião Tavares de Pinho apresentou uma comunicação intitulada *Poética e poesia em D. Jerónimo Osório*. Depois de se referir a alguns aspectos da formação humanística deste autor, haurida em grandes centros da cultura europeia do século XVI (nomeadamente Salamanca, Paris e Bolonha), onde desde logo revelou a sua invulgar sensibilidade estética e o seu amor pelos autores da literatura clássica, o Doutor Sebastião Pinho recordou alguns momentos da acção pedagógica de D. Jerónimo Osório, quer como mestre e pedagogo, quer sobretudo como bispo, salientando que, nesta qualidade, fomentou, com zelo e carinho, o cultivo das letras e da poesia no ambiente da sua jurisdição. Na segunda parte do seu estudo, o Doutor Sebastião Pinho analisou o pensamento de D. Jerónimo Osório, expresso em vários dos seus livros, em particular nos tratados *De nobilitate ciuili et Christiana*, *De gloria* e *De regis institutione et disciplina*; e leu e comentou alguns passos destas obras, em que o autor exprime, de modo muito claro e com alguma novidade, o seu conceito de poesia e de verdade poética, a sua função e valor. Por último, falou da actividade de D. Jerónimo Osório como poeta e traduziu, comentando-as, as duas poesias que restam da sua autoria e que têm passado quase despercebidas: um epígrama dedicado ao seu amigo e grande humanista e jurista espanhol António Agustín, e um poema de Natal, editado pela primeira vez em Bolonha em 1577. A beleza desta composição, em oitenta hexâmetros, mostra que o bispo algarvio era um verdadeiro poeta, sendo de lastimar, por

isso, que outros poemas não tenha escrito como o presente (ou, se os escreveu, se tenham perdido).

Intervieram na apreciação final do trabalho os Doutores Américo da Costa Ramalho, Manuel Augusto Rodrigues e José Geraldes Freire, e os Drs. Carlos Alberto Louro Fonseca, Francisco de Oliveira, Nair de Nazaré Castro Soares, Maria do Céu Zambujo Fialho, Virgínia Soares Pereira e Custódio Lopes dos Santos.

Com uma visita ao Colégio Novo, orientada pelo Doutor Pedro Dias, se encerrou o programa de actividades da A. P. E. C. no ano lectivo de 1983/1984.

W. M.

O LATIM EM PORTUGAL

A ignorância do latim entre nós atinge proporções calamitosas que se reflectem nos chamados meios de comunicação social.

Em 6 de Dezembro de 1984, logo de manhã, o locutor da Radiodifusão Portuguesa que leu o noticiário das 8 horas, do 1.º programa, falou da inauguração da estátua equestre de D. Afonso Henriques na cidade do Porto. Ignorando a pronúncia do vocábulo «equestre» (e até, possivelmente, o que ele significa), disse repetidamente *ekestre*, usando a palavra como quem se diverte com um brinquedo desconhecido.

Infelizmente, este e outros *ekestres*, que se encontram na Rádio e na Televisão em Portugal, contribuem para o contínuo abaixamento do nível cultural do país, decadência que se prolonga *saine daie*, que é como um deles, aqui há tempos, pronunciou *sine die*.

AMÉRICO DA COSTA RAMALHO

O LATIM NOUTROS PAÍSES

Numa notícia incluída em *Humanitas XXXI-XXXII* (1979-1980), nas páginas 182-183, com o título de «O Latim regressa na América do Norte», referi-me ao aumento do interesse pelo latim nos Estados Unidos, sobretudo na educação das camadas mais jovens e mais desprotegidas da população americana.

Acrescento agora mais algumas informações do novo interesse pelo latim em países civilizados.

Assim, o seminário infantil italiano *Topolino* (1), no seu n.º 1486, de 20 de Maio de 1984, anuncia a publicação das aventuras do «Rato Mickey» (Mickey Mouse) em latim. Sob o nome de «Michael Musculus» (diminutivo de *mus*), o herói procura a pedra filosofal na China. O livro intitula-se *Michael Musculus et lapis sapientiae* e foi publicado pelo *European Language Institute* de Recanati, cujo endereço postal é P. O. Box, Recanati (Macerata).

O mesmo Instituto publicara anteriormente as aventuras do «Pato Donald» de Walt Disney, com o título de *Donaldus Anas atque nox Sarraceni*.

Durante algumas semanas, no Instituto de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras de Coimbra, estiveram fotocópias da banda desenhada com a saga de Michael Musculus, além de mostras dos diálogos latinos de alguns dos episódios.

O editor italiano Lamberto Pigini está também a publicar a revista *Iuvenis* em que a vida contemporânea é descrita em latim, quer utilizando as palavras do vocabulário greco-latino, quer adaptando outras do mesmo fundo linguístico às necessidades modernas. Desenhos elucidativos facilitam a identificação dos objectos e o aprendizado dos seus nomes.

Este mesmo editor, segundo a revista juvenil em inglês *Easy Speakeasy* (2), vol. V, n.º 2, Nov.-Dez. 1984, editada para os liceus franceses, acaba de iniciar a publicação em latim dos *Peanuts Comics*.

Ainda segundo *Easy Speakeeasy*, Lamberto Pigini «quer encorajar os jovens a aprender latim, porque pensa que o latim devia tornar-se

(1) Devo a informação à Dr.ª Raffaella Longobardi Ralha.

(2) Emprestou-me a revista minha filha Maria Regina.

de novo a língua universal da Europa e talvez do mundo.» Para Pigini, traduzindo ainda da mesma revista, «o inglês não serve, porque os franceses o não aceitam e o resto da Europa também não, uma vez que uma língua inevitavelmente traz consigo a cultura e tradições do seu povo. A Europa americanizar-se-ia numa geração e as línguas europeias tornar-se-iam dialectos em vias de desaparecimento. O latim é a perfeita língua comum da Europa, porque é a mãe de todas as línguas europeias com palavras comuns e semelhanças em todas elas.»

Diz mais a notícia de *Easy Speakeasy*: «As histórias em banda desenhada escritas em latim são muito populares, pois — diz o editor — são exportadas para toda a Europa, os Estados Unidos, América Latina e China.»

A. C. R.

CIDADES E FRUTOS

Falando à Assembleia Municipal do Porto, em 24 de Julho de 1984, o Presidente da Câmara, Eng.^o Paulo Valada, disse o seguinte: «O Porto lembra um pêssego. É simples e plástico por fora, parecendo fácil de moldar, mas dentro tem um caroço muito duro.» (1)

Esta comparação do Porto com um pêssego trouxe-me à memória outra semelhante, mas feita cerca de 1513, numa carta de Cataldo Parísio Sículo a Fernando de Alcáçova, em que o humanista italiano comparou Santarém «a uma sorva verde, bonita por fora, amarga por dentro.» (*Est enim sorbum uiride Sancterena extra pulchra, intus acerba.*)

No século XVI, a *sorva*, um fruto hoje quase desconhecido em Portugal, era frequentemente usada como termo de comparação. Já depois de ter publicado o artigo «Santarém é uma sorva», em *Biblos* LIX (1983), pp. 364-370, encontrei outra referência a juntar às que constam desse artigo. É também de Cataldo, na sua defesa

(1) Segundo *O Comércio do Porto* de 25-7-1984, p. 8.

do latim literário contra os adeptos do latim-latão, em carta ao 2.º Marquês de Vila Real, D. Fernando de Meneses, escrita antes de 21 de Fevereiro de 1500. (1)

Eis o passo que nos interessa: «*Et inter mille graues auctores unum eligit, quo ignorantiam suam protegat, uti plenissimum rosetum ingressus inter rosarum millia unam uellit quam olfaciat, uel qui ex multifructifero pomario uiride tantum gustat sorbum...*».

Em tradução portuguesa: «E entre mil ponderados autores, escolhe um que lhe encubra a ignorância, como aquele que, entrado num abundante roseiral, entre mil rosas arranca, para cheirar, um espinho, ou o que num pomar de muitos frutos apenas saboreia uma sorva verde.»

Esta carta de Cataldo, que é um verdadeiro manifesto em defesa do latim humanístico em Portugal, em fins do século XV, será incluída no livro *Latim Renascentista em Portugal. Antologia* que em breve publicaremos.

A. C. R.

REGIA CARMINA

Por iniciativa conjunta das seguintes entidades, «il Gruppo Bibliofilo Pratese, il Commune e la Cassa di Risparmio e Depositi di Prato», foi levada a efeito uma das mais belas reproduções de um manuscrito iluminado que até hoje nos foi dado observar. Trata-se dos *Regia Carmina*, dedicados a Roberto de Anjou, e escritos, segundo parece, por Convenevole da Prato (2), um latinista do século XIV que foi professor de Petrarca.

A obra compõe-se de dois volumes, o primeiro com o fac-símile do manuscrito do British Museum, dos *Regia Carmina*; o segundo, com os capítulos seguintes: «Il testo latino e la traduzione» por Cesare

(1) *Cataldi Epistolae et Orationes Quaedam*, Lisboa, 1500, i vj vº.

(2) *Convenevole da Prato, Regia Carmina dedicati a Roberto d'Angiò re di Sicilia e di Gerusalemme*. Introduzione, testo critico, traduzione e commento di Cesare Grassi. Saggi di Marco Ciatti e Aldo Petri. Gruppo Bibliofili Pratesi, Prato, 1912.

Grassi; «Le Miniature» por Marco Ciatti; «La Signoria di re Roberto d'Angiò sul commune di Prato» por Aldo Petri.

Segue-se a edição crítica do texto latino com a tradução italiana em face. O aparato crítico é elaborado sobre os três manuscritos existentes: o de Londres já mencionado, o de Viena e o de Florença. Abundantes notas, explicativas de um texto nem sempre claro (quiçá, intencionalmente ambíguo), e um «Indice dei nomi propri e di altri nomi notevoli» completam o segundo volume. Saliente-se o competente trabalho de Cesare Grassi.

O Instituto de Estudos Clássicos considera-se verdadeiramente afortunado de ter recebido esta magnífica obra, enviada à revista *Humanitas*.

A.C.R.

II REUNIÃO GALEGA DE ESTUDOS CLÁSSICOS

Foi no ano lectivo de 1972-73 que a Universidade de Santiago de Compostela introduziu na sua Faculdade de Filologia o curso de Línguas e Literaturas Clássicas. O labor dos seus mestres, no ensino e na investigação, possibilitou a realização, em 1979, da I Reunião Galega de Estudos Clássicos, que não se destinava apenas à Galiza nem só à Espanha, mas esteve aberta a participantes de outros países.

Nos dias 14, 15 e 16 de Setembro de 1984, realizou-se a II Reunião Galega de Estudos Clássicos, promovida pelos Departamentos de Latim, Grego, História Antiga e Arqueologia e patrocinada pela «ConSELLERIA de Educación de la Xunta de Galicia» e pela Fundação Pastor de Estudos Clássicos, com sede em Madrid, a qual, além do apoio financeiro à Reunião, promove a publicação das respectivas Actas. A problemática admitida à Reunião abrangia temas de carácter linguístico, filológico, histórico, arqueológico, artístico e pedagógico, relativos ao Mundo Antigo e ainda os referentes ao Ocidente Peninsular.

Participaram na II Reunião 296 inscritos, os quais, em sessões plenárias, ouviram 55 exposições ou comunicações. As exposições introdutórias de cada sessão de trabalho foram as seguintes: Giovanni

Forni, *Riflessioni sul significato storico degli scontri punici-romani al Trasimeno e a Canne in occasione del loro XXII centenario (217 e 216 a.C.)*; Antonio Fontán Pérez, *Martín de Braga, un astro en la penumbra*; Dieter Kremer, *Tradição e renovação no léxico latino-românico* (feita em português pelo Professor de Tréveris); Serafín Moralejo Álvarez, *Vivencia y supervivencia del arte clásico en el románico hispánico*.

As mais de cinco dezenas de «comunicações», sobre os mais variados temas, fosse qual fosse a sua extensão escrita, tinham como tempo máximo de apresentação dez minutos. Devemos dizer que ficámos agradavelmente surpreendido pela novidade e seriedade da investigação apresentada. Acabámos por compreendê-la, em muitos casos, como condensação de «tesinas» de final de curso ou trabalhos destinados a concursos nos diversos ramos de ensino.

Entre os participantes contavam-se os portugueses Aires Augusto Nascimento, Maria de Lurdes Flor de Oliveira, Arnaldo do Espírito Santo e Esposa, todos da Faculdade de Letras de Lisboa, e José Geraldes Freire, de Coimbra, o qual apresentou no dia 15, uma comunicação sobre o tema: *Factores de individualidade do Ocidente Hispânico: — Civilização e Letras*.

Na sessão solene de encerramento, o galicista e lusitanista Prof. jubilado Ricardo Carballo Calero dissertou *Sobre o helenismo de Pondal*, escritor galego da segunda metade do século XIX. Além de uma recepção na Reitoria, houve também uma sessão de cinema com o filme *Ulisses*, de Camerini, precedido de uma exposição de Luis Hueso Montón sobre *Historia y leyenda clásicas en el cine*.

A todos os participantes foi oferecida uma medalha de porcelana de Sargadelos com o símbolo da Reunião, uma concha estilizada, evocativa dos peregrinos de Santiago. Como era indispensável, foi feita uma visita à catedral, ao seu tesouro e à sua biblioteca, bem como se recitou, em latim, a oração do peregrino e se admirou o «botafumeiro», expressamente posto a funcionar para os membros da II Reunião Galega de Estudos Clássicos.

Os vários diários da Galiza interessaram-se vivamente pelo desenrolar dos trabalhos, que tiveram a abri-los o Magnífico Reitor e a encerrá-los o representante do «Conselheiro de Educación de la Xunta de Galicia».

J. G. F.

TRADUÇÕES LATINAS DO P. CLEMENTE DE OLIVEIRA

O P. Clemente de Oliveira, que durante 30 anos ensinou latim aos alunos da Ordem Dominicana, a que pertence, desde há longa data se vem dedicando à tradução do português para latim de obras literárias.

Pela sua variedade, mencionamos, em primeiro lugar, o volume *Perennis Lingua*, saído em 1973 (na Editora Pax, Braga), que é uma belíssima antologia de sonetos de autores portugueses e brasileiros. Entre muitos outros, ali encontramos o texto português, seguido do latim, de poetas como Luís de Camões, António Ferreira, Bocage, João de Deus, Antero de Quental, Alberto de Oliveira, Afonso Lopes Vieira, Henrique Paço d'Arcos, Moreira das Neves, Manuel Bandeira, etc. São, ao todo, 51 sonetos que primam pela beleza literária, pela elevação do tema, no original português, e pela fluidez da tradução latina.

Porém, já antes, em 1966, publicara Frei Clemente de Oliveira a tradução para latim do Canto I de *Os Lusíadas* (Coimbra, separata de *O Instituto*). Animado com os incentivos que de diversos lados lhe vieram, o denodado tradutor meteu ombros aos restantes cantos do poema épico de Camões. Assim conseguiu terminar, em 1982, todos os versos de *Os Lusíadas*. Faltava-lhe apenas encontrar um editor. À falta, nada honrosa, das instâncias oficiais a cuja porta foi recomendado, surgiu como Mecenas um grande e benemérito amigo das Letras Latinas, o prof. Nicolau Firmino que, aos 76 anos, assinou, com mão firme, um cheque de 500 contos, passado ao editor, Barbosa & Xavier, de Braga, o qual deu a obra pronta em Dezembro de 1983.

Estão, pois, de parabéns as letras clássicas. Depois das traduções latinas de *Os Lusíadas* de Tomé de Faria, de André Baião, de Francisco de Santo Agostinho de Macedo (revista, completada e editada por António José Viale) e de Francisco de Paula Santa Clara, temos agora a nova tradução, completa, de Frei Clemente de Oliveira.

Uma novidade caracteriza as traduções agora aparecidas: — o ritmo adoptado. Clemente de Oliveira tomou como modelo o verso heróico, de dez sílabas, com os acentos na quarta, oitava e décima ou na sexta e décima. Poderá parecer estranho o expediente; mas ele torna o ritmo mais acessível ao nosso ouvido, habituado às cadências intensivas. Na realidade, o classicista, se não encontra o esperado

hexâmetro latino, depara com um verso que em tudo se assemelha ao clássico «sáfico menor», com as suas onze sílabas constantes.

Podíamos ficar-nos nos parabéns ao P. Clemente de Oliveira. Devemos, porém, avançar que, no seu contínuo labor, tem prontas, pelo menos, mais duas obras: — *Morales Sententiae*, constituídas por mil pensamentos recolhidos de quase todos os autores latinos, com a tradução portuguesa; e *O Tempora*, curiosos poemas herói-cómicos, em latim macarrónico, evocativos da vida estudantil coimbrã. Oxalá estas duas obras encontrem um editor, facto que redundará para seu prestígio, glória do Autor e mérito das letras clássicas em Portugal.

J. G. F.

HINOS LITÚRGICOS EM PORTUGUÊS E EM LATIM

O Concílio do Vaticano II (1962-1965) autorizou o uso das línguas nacionais e regionais na Liturgia. Em Portugal, a nossa língua passou a ser adoptada desde 1964, em parte, na Eucaristia; mas na Liturgia das Horas, vulgarmente designada pelo nome de «Breviário», só em 1976 apareceram os primeiros fascículos para alguns tempos litúrgicos.

Significa isto que, desde a reforma da Liturgia das Horas, promulgada por Paulo VI a 1-XI-1970, os encarregados da actualização litúrgica, entre nós, começaram a preocupar-se também com o delicado problema dos hinos. Fundamentalmente, havia que optar ou por traduzir, em verso ou prosa, os hinos latinos da edição típica ou por substituir estes por outros hinos, de produção genuinamente nacional. O Secretariado Nacional de Liturgia adoptou um critério misto: — traduziu uns hinos e outros substituiu-os.

A substituição obedeceu ainda a critérios diferentes. Há hinos que foram procurar-se a autores famosos da Literatura Portuguesa, como Gil Vicente, Frei Agostinho da Cruz, D. João Manuel, Diogo Bernardes, Pedro de Andrade de Caminha, Pedro António Correia Garção, Diogo Brandão, Luís Anriques, Marquesa de Alorna, João de Deus, António Correia de Oliveira, Afonso Lopes Vieira, João Mendes e Manuel Bandeira.

Esta lista de nomes não representa, na realidade, senão uma ínfima parte dos hinos utilizados na Liturgia das Horas. E os outros? Ficamos sem saber (pelo menos para já) de quem são. O *Boletim de Pastoral Litúrgica* (n.º 13, Jan.-Mar. 1979, p. 26-29), donde recolhemos esta lista, com a indicação do título de cada hino seleccionado dos autores acima referidos, avisa de que não são revelados os autores que se encontram ainda vivos. Apenas somos informados de que «tomaram parte, directa ou indirectamente, na escolha, tradução, adaptação ou composição de novos hinos: Moreira das Neves, Manuel Simões, Heitor Morais, Manuel Ferreira, António M. Barata, Abel Guerra, Sebastião Faria, David Mourão-Ferreira, José Bento, Pedro Tamen, Miguel Trigueiros». Como se vê, é uma informação bastante vaga. Na grande maioria dos casos, ficamos sem saber pela voz e pela inspiração de quem cantamos! Subentende-se que isso interessará pouco.

Precisamente pouco depois de se ter dado este movimento de tradução e de adaptação de hinos para a Liturgia das Horas em português, tivemos oportunidade de examinar uma colecção de hinos em latim, compostos pelo Cónego José Falcão, do Cabido de Sé de Lisboa, destinados a festas de Cristo, da Virgem Maria e dos santos e beatos de Portugal ou relacionados com Portugal. Nem todos se destinam à Liturgia, mas todos estão compostos segundo o estilo dos hinógrafos litúrgicos.

A colecção que nos foi dado apreciar inclui, por exemplo, os santos Veríssimo, Máxima e Júlia, Vicente, João de Brito, Frutuoso, Martinho e Geraldo de Braga, João de Deus, Beatriz da Silva, Inácio de Azevedo e seus companheiros, Gonçalo de Amarante, Gonçalo de Lagos, Nuno de Santa Maria, Joana Princesa, Mafalda, Sancha e Teresa.

Os ritmos utilizados são todos em métrica quantitativa, com predomínio (como é tradicional na Liturgia) do dímetro iâmbico, mas também com evidente gosto pela estrofe sáfica e com manifestações de asclepiadeus, alcaicos e tetrâmetros trocajços catalécticos.

Queremos deixar aqui expressa a viva sensação de agrado que produziu em nós o exame cuidado destes 18 hinos. O seu Autor revela não só um profundo sentido religioso e litúrgico como se mostra também um fluente escritor latino e um metricista rigoroso. Por isso, daqui lhe enviamos os nossos parabéns.

A colecção de hinos a que estamos a referir-nos já está publicada na revista *Itinerarium* 30 (120), 1984, p. 353-393.

Depois do que dissemos sobre os versos latinos do P. Clemente de Oliveira e do que acabamos de referir sobre o Cónego José Falcão, poderia supor-se que a composição poética latina atravessa um período de brilho e euforia em Portugal! Infelizmente não é assim. Trata-se de frutos bem maduros de árvores regadas na leitura e imitação dos clássicos há bastantes décadas atrás. O presente e o futuro do Latim nos Seminários e Institutos de Teologia não é brilhante. Entretanto, alegremo-nos com estes primores da Latinidade e da Poesia.

J. G. F.

«O LATIM, LINGUA DA IGREJA?»

Escrevemos esta nota provocado por notícias que apareceram na imprensa diária por volta de 16 a 22 de Outubro de 1984. Recorramos, por exemplo, do *Diário de Coimbra* de 21: «A missa celebrada em latim foi abolida pelo Concílio do Vaticano II em 1963, depois de quatro séculos de uso». Sabemos que este texto não foi escrito em Coimbra, mas foi fornecido por uma Agência Noticiosa (nacional ou internacional). Todavia, notícias deste género provocam confusão e prestam-se a comentários, no geral inexactos e tendenciosos. Por isso deixamos aqui um breve esclarecimento.

A Constituição *Sacrosanctum Concilium*, o primeiro documento emitido pelo Vaticano II, datada de 4-12-1963, estuda e actualiza o culto litúrgico. Em relação à Igreja Católica de rito ocidental estabelece que o Latim deixe de ser a única língua usada nos actos litúrgicos oficiais, mas que sejam autorizadas as línguas dos diferentes povos. Foi percorrido um longo caminho até serem aprovadas todas as partes da missa em vulgar. Por exemplo, as traduções do Cânone Romano, a peça mais venerável da liturgia eucarística, só foram reguladas por documento de 10-8-1967. Recorde-se ainda que o missal latino (que se diz ter sido abolido em 1963) continuou sendo o único em vigor

até que Paulo VI promulgou a reforma do Missal Romano, a 3-4-1969, só entrada em vigor após a apresentação da edição típica, que tem a data de 26-3-1970. Pode dizer-se que só a partir desta última data caducaram os textos seleccionados e aprovados por Pio V, em 1570, na execução da reforma litúrgica do Concílio de Trento (1545-1563).

O texto latino do Missal Romano de 1970 é, pois, o texto oficial, modelo de que se devem servir todos os tradutores, para qualquer língua que seja, nas cerimónias de rito romano. Precisamente por isso, em qualquer parte do mundo, um celebrante deste rito pode sempre usar a língua latina. Acontece, porém, que a introdução das línguas vulgares foi fomentada, por motivos pastorais, dado que elas tornam a participação no culto muito mais fácil. À medida que a nova selecção de textos foi apresentada, foram sendo feitas traduções oficialmente aprovadas. Mal saiu o novo Missal de Paulo VI houve a preocupação de o divulgar o mais possível. Assim foram substituídas as traduções feitas no final da década de 60 pela nova formulação. Chega-se ao ponto de, em qualquer igreja católica em que se entre, se se pedir um missal latino, nos darão o de Pio V, revisto por diversas vezes. Na verdade, o texto latino de Paulo VI pouco deve ter saído das Comissões de Liturgia, que se encarregaram de o mandar traduzir. Nós nunca o vimos, nem mesmo num centro internacional tão frequentado como o Santuário de Fátima... Cada grupo que chega traz o seu próprio missal! Nas concelebrações apenas o Cânone é recitado em latim, estando somente difundidas muitas cópias da *Prex eucharistica II*, a mais breve de todas.

Esta situação de abandono do latim na liturgia não levantou qualquer protesto em Portugal, «latinófobos» como somos... Noutros países, porém, não aconteceu assim, especialmente na França, Suiça, Canadá e Alemanha. O movimento de defesa do latim na liturgia foi capitaneado por Mons. Lefebvre, antigo arcebispo de Dakar. Se a recriminação fosse apenas de carácter linguístico, seria fácil resolvê-la. Imprimiam-se Missais latinos em número suficiente para se difundirem por todas as igrejas e capelas... O que se passou foi que o grupo de Mons. Lefebvre punha em causa não apenas a reforma do Missal ou de toda a Liturgia, mas o espírito das reformas globais do Concílio Vaticano II. Remetemos para lugares apropriados o estudo complexo do «caso Lefebvre». A Liturgia e o uso do latim foram apenas o ponto mais acessível ao grande público. Para usar uma frase de *O Dia* (17-10-1984) «o arcebispo integrista Marcel Lefebvre disse,

por diversas vezes, no passado, que a nova liturgia, instaurada pelo Papa Paulo VI, era praticamente herética». Nestas condições, é fácil de compreender que Paulo VI não concordasse com ele! Nós explicámos a situação, no seu momento mais agudo, nos artigos *O problema não é o Latim* e *O problema é a reforma*, saídos no *Diário de Coimbra* de 31 de Agosto e 7 de Setembro de 1976.

Com a subida de João Paulo II ao sólio pontifício renovou-se a vontade de diálogo e compreensão mútua. Após conversações que se arrastaram quase desde 1978, o actual Papa acabou não só por manifestar a sua benevolência, autorizando, em certos casos, o Missal anterior a Paulo VI, mas também por pôr à prova todos quantos quiserem utilizá-lo, exigindo-lhes a declaração prévia de que «de nenhum modo compartilham as posições daqueles que põem em dúvida a legitimidade e a exactidão do Missal Romano promulgado pelo Papa Paulo VI em 1970». A concessão acabada de citar foi comunicada a todos os bispos por carta de 3-10-1984, cujo texto latino e tradução portuguesa se pode ver na *Lumen 45* (1984) 419-420. Quem ler atentamente este indulto verificará imediatamente que a autorização é muito restritiva, diríamos mesmo, restritiva em excesso. Deve usar-se a última edição do Missal Romano, a de 1962; só podem servir-se dela os grupos que pedirem licença expressa; os locais de culto têm de ser também previamente estabelecidos; não devem misturar-se textos do Missal de 1962 com os do de 1970. Nós nunca tivemos qualquer relação com o movimento lefebvriano; mas estamos certo de que, se fosse exercida uma «fiscalização» sobre a mistura de textos (litúrgicos e não litúrgicos, aprovados e não aprovados), haveria muito mais que «referir» à Santa Sé sobre o que se passa em muitas celebrações em língua vulgar...

Não é, pois exacto dizer-se que foi autorizada, de novo, a missa em latim. O que deve dizer-se é que actualmente pode celebrar-se em latim, em qualquer lugar e em qualquer dia, segundo os formulários e os ritos de Paulo VI (1970) e, com licença especial, poderá ser utilizado o formulário aprovado por Pio V (1570) e depois actualizado pela última vez por João XXIII (1962). Como se vê, o latim nunca foi proibido. Acontece apenas que hoje não é usado senão quase só por aqueles que, de algum modo, puseram em causa as reformas do Vaticano II. *Inde irae...*

Mas esta nota leva o título de «O latim, língua da Igreja»? De facto, antes do Vaticano II, tinha que justificar-se, por diversos modos, o uso do latim na Liturgia. O povo não o compreendia. Nos cultos

nem sempre se fazia a tradução dos textos lidos ou cantados. Apesar disso, juntavam-se muitas razões para defender a sua manutenção. Temos presentes os livros de base que nós próprio utilizávamos: — Francisco Spirago, *Catecismo Católico Popular*, 5.^a edição, Terceira parte, União Gráfica, Lisboa, p. 75-78; e Antonio Rubinos, *Catecismo histórico-litúrgico da Missa*, Editorial Spes, Portalegre, 1958, p. 121-125. Além das excelências da Língua Latina e dos seus valores evidenciados pela tradição clássica, insistia-se sempre em que o Latim é a língua oficial da Igreja e um grande factor de unidade.

Devemos declarar sinceramente que tudo quanto se dizia e escrevia está certo. Ainda agora voltou a ser editado o livro de um dos grandes nomes da renovação conciliar: Karl Rahner, *Il latino lingua della Chiesa*, Paideia Editrice, Brescia, 1984, 104 p. De facto, além da tradição clássica e dos valores cristãos acumulados ao longo de quase 20 séculos, o latim continua a ser a língua oficial da Igreja de Roma. Só que já não é a única utilizada. Mas é certo que os *Acta Apostolicae Sedis* são predominantemente preenchidos com documentos em latim, que as Congregações Romanas emitem as suas consultas e respostas em latim e que, no meio da confusão universal das línguas, o Latim é uma «língua comum», a que têm acesso a maioria das pessoas cultas. Factor de unidade, pois, ainda hoje. E se hoje todas as línguas são «línguas da Igreja», é certo que o latim continua sendo a «língua da Igreja» por excelência, aquela que tem a seu favor uma tradição mais longa e venerável e a que não suscita quaisquer susceptibilidades nas reuniões internacionais, em que pessoas de mentalidades e «patriotismos» antagónicos, podem utilizar esta «língua-mãe da civilização ocidental», cujos filhos se encontram espalhados por todos os continentes.

Visto o problema assim, com amplidão, tornam-se mesquinhias as questiúnculas contra o Latim. Considerados os aspectos práticos, saudamos o direito de cidadania das línguas de todos os povos na acção pastoral e nos actos do culto da Igreja.

J. G. F.

DISCUSSÃO À VOLTA DO ADVÉRBIO «ITERVM»

O novo *Codex Iuris Canonici*, que entrou em vigor no dia 27 de Novembro de 1983, suscitou durante um ano discussões, baseadas, aparentemente, na tradução e interpretação a dar ao advérbio latino *iterum*.

Diz o cânane 917: *Qui sanctissimam Eucharistiam iam recepit; potest eam iterum eadem die suscipere solummodo intra eucharisticam celebrationem cui participat.*

Já nos cursilhos preparatórios para a aplicação do novo Código os juristas insistiam em que este cânane dava azo a duas interpretações: — uns traduziam *iterum* por «outra vez, uma segunda vez», e por isso afirmavam que os fiéis não podiam comungar, no mesmo dia, mais que duas vezes, nas condições prescritas. Outros traduziam *iterum* por «de novo, outras vezes», e consequentemente sustentavam que se poderia comungar tantas vezes quantas se quisesse, desde que se participasse na celebração eucarística.

Aparentemente, dissemos nós, a discussão travava-se à volta da tradução a dar a *iterum*. Na realidade não era assim. Em nosso entender, o advérbio *iterum* foi um recurso habilidoso que a língua latina proporcionou aos canonistas para apaziguarem as discussões entre eles. Mantendo, em português, a tradução «de novo», sem discriminar se se trata de «mais uma vez» ou de «mais vezes, muitas mais vezes», obtém-se o mesmo efeito.

A discussão real baseia-se na compreensão do que deve ser a participação perfeita e activa no mistério eucarístico. Dum modo geral, os teólogos estão de acordo em que o modo mais perfeito é o da participação com a comunhão. Sendo assim, entendem que, desde que existam as devidas disposições interiores, se pode comungar todas as vezes que se assista à Eucaristia. Outros, porém, mais práticos, consideravam que tal posição podia banalizar o acto da conunhão sacramental, elevando o seu número diário para um sem número de vezes, sobretudo por parte de pessoas menos esclarecidas. Como durante as discussões sobre a redacção definitiva a dar aos cânones não se chegou a acordo, os canonistas refugiaram-se na ambiguidade do advérbio *iterum*. E assim saiu na edição típica.

Mas ou porque a prática revelou que a interpretação lata era contraproducente ou porque em grupos restritos é mais fácil chegar

a acordo, a 11 de Julho de 1984 a Comissão Pontifícia para a Interpretação do Novo Código decidia que, mesmo dentro da Missa, só se pode comungar «uma segunda vez». Esta resolução foi publicada nos *Acta Apostolicae Sedis* de 7 de Agosto.

Em Portugal, tudo continuou a passar-se como se nada tivesse sido resolvido, até que... a 24 de Outubro, o Doutor António Leite escreveu um artigo esclarecedor na *Voz Portucalense*. Então a nova resolução foi difundida; e as culpas da prática anterior foram, por vezes, assacadas ao advérbio latino *iterum*!

N.B. — Ao revermos as provas deste comentário podemos acrescentar que na *Lumen* (1984, Dezembro, p. 473-474) o Doutor António Leite volta a explicar a situação, concluindo a certo passo (não como linguista, mas como canonista): — «para o futuro o *iterum* (de novo) do texto original latino deverá interpretar-se como *uma segunda vez*». E até insinua quem terá influído para esta interpretação restritiva do cômmodo e ambíguo *iterum*! Nós pensaríamos que o *iterum* seria substituído por uma expressão clara e inequívoca; mas não. Terá que recorrer-se sempre ao «codicilo» de Julho de 1984. E quem não o tiver à mão interpretará o *iterum* como muito bem entender!

J. G. F.

ESTRANHA IMAGEM DE FREI HEITOR PINTO

Mão amiga trouxe-nos o *Jornal do Fundão* de 14 de Dezembro de 1984, a fim de lermos uma notícia sobre Castelo Branco. A nós, porém, mais acabou por nos interessar o relato que G.L. faz, no mesmo jornal, da conferência com que o Prof. José Hermano Saraiva encerrou, a 8 de Dezembro, o cinquentenário da Escola Secundária Frei Heitor Pinto, na Covilhã.

É certo que o jornal não transcreve o texto integral e por isso pode trair, de algum modo, o pensamento do conferencista. Mas também é verdade que frequentemente, ao citar a sua opinião, usa aspas, sinal de que ou tinha o texto (que em parte resumiu e em parte

transcreveu) ou se serviu de gravador (o que dá garantia de fidelidade substancial).

Algumas das afirmações do orador são, de facto, chocantes. Principiemos por aquela em que diz que «ele próprio é contra essa cultura do livro e dos bacharéis. Isso é uma cultura em segunda mão. O livro tem que ter por origem a vida. Na base do livro está a vida; e como na base de um livro está outro livro, encaminhamo-nos para este tipo de cultura estéril que hoje, aliás, ameaça dominar a nossa sociedade».

Poderá o Prof. Hermano Saraiva ser contra a «cultura do livro e dos bacharéis». Mas cremos que a sua vida tem sido passada a ler e a escrever livros! Mais ainda: Quando Ministro da Educação Nacional foi ele quem, em 1968, instituiu nas Faculdades de Letras, o grau de bacharel! O conceito de «cultura estéril» poderá aplicar-se a alguns escritores; mas não quadra a Frei Heitor Pinto.

A certa altura da exposição, ao falar de autores que são importantes porque escreveram sobre outros que eram importantes, «o orador classificou-os como autores do 7º grau». Supomos que esta categoria de «autor do 7º grau» não a terá aplicado a Frei Heitor Pinto. Tal classificação seria mais desprestigiante para o conferencista do que para o autor da *Imagen da Vida Cristã*.

Mais estranhas achamos, no entanto, estas afirmações de José Hermano Saraiva: «Heitor Pinto é, de facto, muito célebre, mas a grande parte das suas obras foram escritas em latim — hoje sem qualquer possibilidade de leitura — e em português escreveu apenas a *Imagen da Vida Cristã*. E este livro — continuou o ensaista — não é para ser lido como quem lê um romance. É uma leitura extremamente complexa que exige domínios quer linguísticos quer filosóficos que 99% das pessoas não têm».

É estranho que um professor de Letras e autor de livros de História diga que o latim não tem hoje qualquer possibilidade de leitura! Só não lê latim quem não o estudou suficientemente. Hoje continuam a escrever-se livros em latim. Todas as pessoas cultas têm necessidade de ler livros em latim. Será difícil encontrar um historiador que não depare com fontes de investigação em latim. Ora a História escreve-se sobre documentos; e se estes estão em latim, terão de ser lidos para se saber, com rigor, o que eles dizem. Não chegaremos a supor que o doutor José Hermano Saraiva tenha deixado de lado, nos seus estudos, todos os documentos escritos em latim...

Igualmente estranha é a ideia de que 99% das pessoas que lêem o português não são capazes de compreender o que Frei Heitor Pinto escreve na *Imagen da Vida Cristã*. Os críticos literários louvam-lhe o estilo. Chegam a considerá-lo o nosso melhor prosador do séc. XVI. Como seria isso possível se 99% dos leitores não fossem capazes de o compreender? Além disso, é profundamente errado querer comparar um autor espiritual e o seu estilo com um romancista e a sua linguagem. Cada género literário tem as suas regras.

Não queremos insistir no comentário ao relato da conferência do Prof. José Hermano Saraiva sobre Frei Heitor Pinto. Sempre diremos, no entanto, que achamos despropositado querer compará-lo com Luís de Camões. Só por ambos serem escritores e por serem contemporâneos? Mas se tinham formação diferente, se visavam finalidades diferentes, não podem comparar-se um com o outro!

Além disso, não é tão verdade como parece sugerir o conferencista que a obra de Frei Heitor Pinto seja puramente livreescra. Os críticos literários põem em relevo que, na sua obra, há frequentes alusões pessoais, experiências da sua própria vida. António José Saraiva e Óscar Lopes acentuam mesmo que Frei Heitor Pinto ia buscar muitas imagens à matemática, compreendendo nesta a Cosmografia; e concluem que, se a sua cultura é de origem humanística, ela «reflecte a ciência astronómica estimulada pela náutica portuguesa».

Frei Heitor Pinto não deve ser comparado com Camões. Como autor espiritual deve comparar-se com os seus contemporâneos, D. Amador Arrais e Frei Tomé de Jesus; e como comentarista da Escritura, com os exegetas do seu tempo. Tanto num como noutra campo o estudo está feito por especialistas. Frei Heitor Pinto não sai diminuído do confronto. Antes pelo contrário. Longe de ser um «autor de 7º grau», bem podemos manter a opinião de que, entre os escritores do seu tempo e dos seus géneros literários, Frei Heitor Pinto é um autor de primeira grandeza.

J. G. F.

ESTUDOS CLÁSSICOS EM BELO HORIZONTE E NOUTRAS CIDADES BRASILEIRAS

Dar uma notícia pormenorizada sobre os Estudos Clássicos no Brasil é um desiderato para o qual faltam dados. Todas as Faculdades de Letras oficiais têm obrigatoriamente dois semestres de Latim e um de Grego para todos os seus alunos, com um número de professores correspondente a tal afluência, e a maioria possui um Departamento de Letras Clássicas.

Salientam-se, naturalmente, os das Universidades principais, e aqui é justo destacar a Universidade Estadual de São Paulo, e o papel orientador do Prof. José Cavalcante de Souza, e não menos o rigor científico da secção clássica do Museu de Arqueologia, dirigida pela Prof. Haiganuch Sarian; a Universidade Federal do Rio de Janeiro, animada por um grupo em que se distinguem as Prof. Guida Nedda B. P. Horta (autora de um conhecido manual, em dois volumes, *Os Gregos e seu idioma. Curso de iniciação à Cultura Helénica*) e Ruth Junqueira de Faria, que acabam de lançar a nova revista *Calíope. Presença Clássica* (Julho/Dezembro 1984); e, *last not least* a Universidade Federal de Minas Gerais, que, sob a dinâmica actuação do Prof. Jacyntho Lins Brandão, promoveu, no decurso de 1984, uma série de realizações notáveis.

É deste Departamento que falaremos com mais alguma demora, por o termos conhecido mais de perto, na qualidade de professora visitante, entre Agosto e Setembro de 1984, encarregada de reger dois cursos de post-graduação (Epopeia Clássica e Língua Homérica).

Dispondo de um quadro de oito professores de Latim e quatro de Grego, o Departamento iniciou, em 1978, a publicação de uma revista denominada *Ensaios de Literatura e Filologia*, de que já saíram quatro volumes.

Mas a mais surpreendente realização foi a do I Congresso Nacional de Estudos Clássicos, de 21 a 26 de Maio de 1984.

Contando com cinquenta e quatro conferências, palestras ou comunicações, três mesas-redondas, numerosas sessões de cinema sobre temas clássicos e a estreia da representação do *Rei Édipo* pelo Grupo Mineiro de Comédia — e deve notar-se que o mito de Édipo era motivo central do Congresso, que por isso mesmo congregou também psicólogos, psicanalistas, antropólogos, filósofos, médicos —

grande foi a variedade dos temas abordados. Acrescenta-se ainda que funcionaram três grupos de trabalho, formados por professores de arqueologia e história, de latim e grego, e que não foram descurados os novos métodos de ensino.

Organizado por uma equipa jovem e entusiasta, o Congresso reuniu cerca de 200 alunos e professores representantes de várias escolas superiores, como a Universidade de São Paulo, Universidade Estadual de Júlio de Mesquita Filho (Campi de Araraquara, Assis e São José de Rio Preto), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e tantas outras, além, naturalmente, da Universidade Federal de Minas Gerais.

No dia 25 de Maio, uma sessão plenária homologou a proposta de criação da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos, a ser instalada oficialmente em 1985, ficando a coordenação dos trabalhos em Belo Horizonte. Para esse fim começou a publicar-se, em folhas noticiosas policopiadas, um *Boletim de Estudos Clássicos* (n.º 1: Julho de 1984; n.º 2: Outubro de 1984).

Pela sua importância e significado, transcrevemos a seguir as conclusões e moções do Congresso:

- «1. Valorização dos Estudos Clássicos não só como veículos da tradição cultural, mas também como embasamento dos estudos modernos e Contemporâneos;
2. Apoio institucional para formas de cooperação que rompam o isolamento dos diversos especialistas em departamentos estanques, através da criação de centros interdepartamentais e institutos especializados, com o objectivo de manter e revitalizar os recursos humanos de que já dispõem;
3. Valorização dos Estudos Clássicos na Universidade brasileira, na forma de maior presença, nos currículos, das línguas e literaturas clássicas, da história antiga, da arqueologia e disciplinas afins;
4. Recursos imediatos e urgentes para a constituição e atualização do acervo das bibliotecas universitárias, na forma de livros e periódicos especializados, dado o caráter peculiar das disciplinas que integram os estudos clássicos, um saber cumulativo, que valoriza tanto as publicações mais recentes quanto as mais antigas.»

«Os estudiosos da Cultura Clássica consideram fundamental a reintrodução das disciplinas de filosofia, história antiga, grego e latim nos currículos dos cursos de segundo grau, seja através de implantação imediata, seja através de planos pilotos em escolas experimentais, como os Colégios de Aplicação e Centros Pedagógicos das Universidades.»

«Recomenda-se que os diversos Departamentos das Universidades brasileiras ofereçam, em colaboração com os Departamentos de Letras Clássicas, cursos de língua grega e latina instrumentais, sempre que o conhecimento delas for necessário para a formação dos profissionais de diferentes áreas.»

Outras iniciativas merecem também referência, como a realização de diversas palestras: em 12 de Setembro, a de quem subscreve estas linhas, sobre «Apreciação dos trágicos gregos pelos poetas e teorizadores portugueses setecentistas»; a 14 do mesmo mês, a da Prof. Sally C. Humphreys, do University College, Londres, sobre «O racional e o irracional na religião e na poesia grega»; a 2 e 3 de Outubro, três conferências do arqueólogo Nicholas Yalouris, antigo director do Museu Nacional de Atenas e ex-director de Arqueologia do Ministério da Cultura da Grécia, sobre Olímpia e os Jogos Olímpicos e sobre as esculturas do Templo de Zeus.

Entre as actividades do Departamento de Letras Clássicas da Universidade Federal de Minas Gerais (Belo Horizonte) figura ainda a realização de cursos de Latim expressamente concebidos para alunos da Faculdade de Direito, que os solicitam para complemento da sua formação jurídica. Neste sentido, acaba o Prof. Johnny José Mafra de organizar e publicar uma antologia de Textos de Latim Jurídico, com tradução e estudos, precedida de um prefácio do Prof. Rubens dos Santos. A colectânea abrange textos do Livro I das Institutas de Justiniano e o texto completo da Novela 118, além de 360 aforismos de Direito, com a respectiva tradução.

Também em Belo Horizonte, mas a cargo da Universidade Católica de Minas Gerais, realizou-se, de 22 a 25 de Outubro, a I Semana de Estudos Clássicos, em que intervieram professores da Federal. Assim, no dia 22, o Prof. Jacyntho Lins Brandão falou de «A tragédia em seu tempo: tensões e ambiguidades»; a 23, o Prof. Rubens dos Santos tratou de «A comédia grega e sua evolução»; no dia seguinte o Prof. Johnny José Mafra dissertou sobre «O Canto VI da

Eneida: a descida aos infernos e a prefiguração da história de Roma»; e, no dia 25, o Prof. Daniel Valle Ribeiro ocupou-se de «As guerras civis e o fim da República Romana».

Por sua vez, a Universidade Federal do Rio de Janeiro promoveu de 19 a 23 de Novembro, a V Semana de Estudos Clássicos, depois de a Prof. Guida Nedda Horta ter levado a efecto, de 22 a 29 de Outubro, a XVII Semana Cultural da Grécia. A mesma professora proferiu, no final de Novembro, a abrir um Simpósio sobre «Marginalidade na e da Literatura», uma conferência subordinada ao título «O riso grego, de Homero ao kômos pré-aristofânico».

Outro facto de assinalar é a realização do I Simpósio Nacional de História Antiga, efectuado no ano anterior, de 22 a 25 de Agosto, na Universidade Federal de Paraíba — João Pessoa, cujas actas acabam de ser publicadas. As comunicações, num total de dezasseis, seguidas dos respectivos debates, e duas mesas-redondas, tratam de assuntos variados. Um dos pontos em que mais se insistiu foi a necessidade de fomentar o ensino da História Antiga nas Universidades brasileiras (e aqui merece especial referência a acção desenvolvida pela Prof. Neyd Theml na Universidade Federal do Rio de Janeiro). Nesse sentido ainda, o Simpósio é consequência de um esforço que não é demasiado encarecer.

Outro aspecto a considerar, na actividade dos classicistas brasileiros é a sua preocupação de publicar novas traduções dos autores gregos e latinos, algumas anotadas, outras bilingues, outras com um simples prefácio. A velocidade com que se esgotam é testemunha de uma saudável apetência do público brasileiro pelos valores da Antiguidade. Se é certo que, tal como entre nós, também por vezes surgem pseudo-traduções, ou seja, versões indirectas por pessoas desconhecedoras do original, tais desvios são compensados por muitos trabalhos sérios, que, através de um português fluente, por vezes artístico, tornam acessíveis os grandes autores gregos e latinos. Referimos apenas alguns exemplos: *Iliada*, por Carlos Alberto Nunes; *Odisseia*, por Jaime Bruna; *Eneida*, por Tassilo Orpheu Spalding; *Bucólicas*, por Péricles Eugénio da Silva Ramos; Teofrasto, *Os Caracteres*, por Daisy Malhadas e Haiganuch Sarian. Existe ainda uma nova versão da *Eneida*, por Carlos Alberto Nunes, comemorativa do bimilenário de Virgílio, o que demonstra que foram afinal os Brasileiros que deram cumprimento, sem o saberem, a um dos votos das comemorações realizadas em Lisboa e em Coimbra na altura da celebração ...

A este propósito, recorde-se que, por iniciativa da Sociedade Brasileira de Romanistas e da Sociedade Educadora Pedro II, e coordenado pelo Prof. Vandick da Nóbrega, se efectuou no Rio de Janeiro, em Outubro de 1981, um Colóquio Nacional sobre o Bimilenário da Morte de Virgílio. Para além de diversas conferências, houve uma parte social que compreendia uma *Cena Romanorum Arte secundum Apicum*, oferecida pelo casal Vandick da Nóbrega em seu lar, com uma ementa em latim, compreendendo receitas de Apicio e vinhos... modernos, entre os quais o *Vinum Portus Calle vocatum*; e ainda o tão brasileiro *cafaeum*.

Voltando às publicações de classicistas de língua portuguesa, acordou-se que uma das tarefas prioritárias seria fazer uma bibliografia completa das traduções de autores clássicos publicadas nos dois países. Neste levantamento, a Associação Portuguesa de Estudos Clássicos e a nova Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos podem ter um papel primordial e benéfico para ambas as partes.

M. H. ROCHA PEREIRA

CURSOS DE ACTUALIZAÇÃO OU DE INICIAÇÃO ÀS LÍNGUAS CLÁSSICAS

No ano lectivo de 1983-84, principiaram a funcionar na Faculdade de Letras de Coimbra, com apreciável êxito, cursos de Iniciação ao Grego e de Iniciação ao Latim, unicamente destinados a alunos que não têm essas línguas no seu plano curricular de licenciatura. Em ligação com estes factos, registe-se que o manual de *Iniciação ao Latim*, pelo Dr. Carlos Alberto Louro Fonseca, atingiu em 1983 a sua terceira edição; e o de *Iniciação ao Grego*, pelo mesmo professor, se publicou em 1984.

No mesmo ano lectivo, começou a ser leccionado, na Faculdade de Letras do Porto, um curso de Iniciação ao Grego, que tem continuado com grande audiência.

Estes e outros cursos já há muitos anos se realizam noutras países, conforme temos noticiado. O extraordinário êxito da *Summer School in Ancient Greek*, em Cheltenham, a que nos temos referido, é um dos factos mais salientes. O seu 17.^º curso intensivo, para alunos de 16 a 25 anos, decorreu de 25 de Julho a 9 de Agosto de 1984. Em Aberystwuth efectuou-se, de 15 a 28 de Julho, um *Summer Workshop in Greek and Latin*, que proporcionou cursos intensivos de uma ou duas semanas, em grego e em latim, para os níveis de principiante, intermédio e adiantado. Por sua vez, a Classical Association e a Association for the Reform of Latin Teaching promoveram, em Londres, um *Weekend Refresher Course* (o 39.^º), de 9 a 10 de Março de 1984.

M. H. R. P.

EXPOSIÇÃO DE ARQUEOLOGIA CLÁSSICA EM LEIPZIG

Parte da enorme colecção de obras antigas — cerca de dezasseis mil — pertencentes à Universidade de Leipzig encontrou-se exposta ao público no verão de 1984. De um total de 250 peças seleccionadas, salientavam-se um ídolo de mármore da cultura cicládica, uma taça micénica, em forma de peixe, um cavalo de bronze do período geométrico, o *kouros* de Náucratis, retratos de imperadores romanos e uma cabeça de mármore de Virgílio.

A colecção de antiguidades da Universidade de Leipzig começou a constituir-se há duzentos e cinquenta anos. Mas sabemos que Universidades novas, como a de Bochum, já têm as suas. Exemplos para meditar.

M. H. R. P.

CURSO DE MESTRADO EM LITERATURAS CLÁSSICAS

No ano lectivo de 1983-84, principiou o segundo Curso de Mestrado no âmbito do Instituto de Estudos Clássicos, desta vez já enriquecido por uma componente grega.

É formado por dois seminários principais, um sobre Tragédia Grega (sendo o primeiro semestre sobre «O Agamémnon de Ésquilo», pelo Prof. Doutor Manuel de Oliveira Pulquério, e o segundo sobre «A Teorização sobre a Tragédia na Poética de Aristóteles», pela Prof. Doutora Maria Helena da Rocha Pereira) e outro sobre «Epistolografia Latina do Renascimento», pelo Prof. Doutor Américo da Costa Ramalho; e ainda por três seminários complementares, todos semestrais («O Drama dos Pelópidas na Tragédia de Séneca», pelo Prof. Doutor Walter de Sousa Medeiros; «Epistolografia no Latim Tardio e no Latim Medieval», pelo Prof. Doutor José Geraldes Freire; e «A Tragédia Clássica Portuguesa na Época do Renascimento», pelo Prof. Doutor Aníbal Pinto de Castro).

M. H. R. P.

BOLETIM DE ESTUDOS CLÁSSICOS

Para corresponder ao desejo manifestado por muitos antigos alunos, hoje professores do ensino secundário, o Instituto de Estudos Clássicos, em colaboração com a Associação Portuguesa de Estudos Clássicos, principiou a publicar, em Junho de 1984, um boletim semestral. A finalidade da pequena revista é, como se lê na nota de apresentação, manter os classicistas informados acerca de novos métodos ou tendências no campo da didáctica das línguas antigas, das descobertas arqueológicas que vão sendo feitas, das iniciativas tomadas em diversos países, da bibliografia; bem como fornecer textos comentados que possam servir de modelos para aulas.

De acordo com as respostas a um inquérito previamente enviado, estabeleceram-se logo as seguintes secções: textos anotados, gregos e latinos; notas críticas sobre livros de didáctica das línguas antigas; bibliografia selecta; noticiário sobre descobertas arqueológicas no país e no estrangeiro e sobre congressos da especialidade. A primeira destas secções abrange exemplos de grego e latim clássico, mas também textos expressamente compostos, no estilo e no espírito de Luciano, e amostras de «*Lingua Latina Rediviva*», bem como espécimes de latim renascentista devidamente enquadrados na sua época.

O aplauso com que a nova publicação foi recebida demonstra claramente que veio preencher uma necessidade do ensino.

M. H. R. P.

OUTRAS REVISTAS CLÁSSICAS NOVAS

Em 1982, começaram a publicar-se *Lucentum*, na Universidade de Alicante, dedicada à pré- e proto-história, arqueologia e história antiga, epigrafia e numismática; *Apollonia*, em Joanesburgo, em colaboração com o Instituto de Estudos Afro-helénicos e o patriarcado de Alexandria do Egito, destinada a dar a conhecer artigos sobre Literatura Grega antiga e moderna, história da arte e da cultura e traduções de obras gregas para afrikaans; o *Oxford Journal of Archaeology*, consagrado à arqueologia, arte e numismática europeia e clássica. Os já bem acreditados *California Studies in Classical Antiquity* iniciaram uma nova série sob o nome de *Classical Antiquity*.

Em 1983, a Universidade Complutense de Madrid principiou a editar *Gerión*, dedicada à história antiga.

M. H. R. P.

CENTRO DE INFORMAÇÃO SOBRE O MUNDO GREGO

A Universidade de Nancy II criou um Centro de Informação sobre o Mundo Grego Antigo e suas zonas de contacto, a fim de reunir o maior número possível de elementos bibliográficos sobre tão vasta matéria.

M. H. R. P.

SOCIEDADE INTERNACIONAL DE PLUTARCO

Que Plutarco é um dos criadores da noção de unidade cultural greco-latina, e simultaneamente um dos fundadores da mentalidade europeia, mediante a influência exercida durante séculos pela leitura das suas *Vidas Paralelas*, todas as pessoas cultas o sabem. Compreende-se assim que se tenha formado uma Sociedade Internacional de Plutarco, para fomentar o estudo deste autor e manter os seus membros informados acerca dos trabalhos recentes. São seus organizadores os Profs. D. Babut (Lyon), J. Barthelmess (Cleveland), F. E. Brenk (Roma), C. B. R. Pelling (Oxford) e H. C. Ingenkamp (Bona).

M. H. R. P.

ARQUIVO BEAZLEY

O Arquivo Beazley, projectado em 1979, e a cargo da British Academy e do Lincoln College, Oxford (o College a que o famoso helenista pertencia e que sustenta a cátedra de Arte e Arqueologia Clássica), começou, em conjunto com a biblioteca do Museu Ashmoleano, a montar no computador da Universidade de Oxford a lista

de novas referências a ilustrações de vasos compreendidos nos *Attic Black-Figure Vases (ABV)*, *Attic Red-Figure Vases (ARV)*, *Paralipomena (PARA)* e *Beazley Addenda*. A par deste trabalho, está feita, e mantém-se em dia, a lista de ilustrações de vasos que não figuram naquelas obras (os quais só entre 1965 e 1981 ascendem a cerca de seis mil peças).

As categorias registadas são: técnica (TECH) forma (SHAP) número de catálogo (IDEN) lugar do achado (FNPL) lugar onde se encontra (LOCN) assunto (SUBJ), nome do *καλός* (KALO), assinatura (SIGN), atribuição (ATTR), publicação (PUBL).

Os especialistas (não os estudantes ou principiantes) podem assim fazer ao Arquivo Beazley, segundo informações do Museu Ashmoleano, perguntas deste teor: «Que ilustrações publicadas existem, não referidas em *ABV*, *ARV* e *PARA* que (a) mostrem Aquiles e Troilos? ou (b) sejam ânforas de colo de figuras negras com Héracles e o Leão ou (c) sejam atribuições recentes ao Pintor X? ou (d) estejam no Museu Y ou na Colecção Z ou (e) mostrem Eneias e sejam provenientes de Vulci?»

Ao lado destas potenciais vantagens da técnica moderna, mas ainda na esteira luminosa do que foi o maior especialista de vasos gregos, merece especial referência a publicação, na série *Oxford Monographs on Classical Archaeology*, do belo álbum *The Berlin Painter* (Clarendon Press, 1983), com 82 desenhos, feitos por Sir John Beazley, do seu pintor favorito. Tributo de uma sua discípula, Donna Carol Kurtz, que organizou o volume e estudou o estilo do desenho, sua base anatómica e drapejado, é precedida de uma análise da execução das figuras por Dietrich von Bothmer.

A importância do método, para fixar pormenores que a mão visualiza quase tanto como os olhos, não desapareceu, mesmo hoje, que máquinas fotográficas perfeitíssimas dão todo o relevo desejável aos traços mais leves. O próprio Beazley escreveu uma vez num catálogo de uma exposição de desenhos seus e fotografias tiradas por sua mulher: «Photographs and drawings supplement each other; drawings often give details which do not come out in photographs.»

Tudo isto explica o tantas vezes e tão justamente elogiado «acume sem rival do olhar» que o Mestre oxoniense possuía para identificar os pintores, com um rigor de método que igualava, quando não superava, os resultados obtidos nos estudos de arte da Europa moderna.

M. H. R. P.

OS ACHADOS ARQUEOLÓGICOS DE VERGINA

As descobertas arqueológicas na Macedónia, ao longo das últimas décadas, têm sido espectaculares. Em 1962, a dez quilómetros a norte de Salonica, foi o Papiro de Derveni, o primeiro escrito nesse material a aparecer na Grécia e o mais antigo de todos, datável de 350 a 300 a.C., com uma teogonia pré-socrática ainda não completamente esclarecida; no mesmo local, um *krater* de bronze dourado, decorado com cenas dionisíacas — que é um dos mais exuberantes produtos da época helenística —, bem como diademas de ouro, finamente lavrados, todos do séc. IV a.C., dos quais se salientam um com folhas de oliveira e outro com folhas de mirto.

Entretanto, estavam em curso já há muito, mas sem continuidade, escavações em Vergina, localidade que desde 1967 o grande especialista de história da Macedónia, N. C. L. Hammond, identificara com Aigai, a antiga capital do reino, para onde era costume trasladar os restos mortais da realeza, mesmo depois de a sede do poder ter sido transferida para Pella.

Ora em Vergina encontraram-se três sítios de interesse arqueológico: um cemitério do período geométrico, um palácio helenístico e três túmulos reais. O maior destes era abobadado e possuía uma câmara principal e uma ante-câmara, por trás de uma fachada com colunas dóricas e portas de mármore, tudo encoberto por um talude. Na ante-câmara e na câmara encontraram-se dois sarcófagos de mármore, cada um dos quais continha uma *larnax* de ouro encimada por um relevo com a estrela característica da realeza macedónica. O mais importante continha ossos envoltos numa veste de púrpura, e bem assim o mais magnífico dos diademas até hoje aparecidos, constituído por folhas de carvalho trabalhadas em ouro.

Estes túmulos, encontrados em 1977 por Manolis Andronikos, e por ele descritos (veja-se, entre outros, o seu contributo para o volume *Philip of Macedon*, Athens 1980, pp. 188-231), para além do achado de muitos objectos preciosos, que incluíam pinturas e inscrições tumulares com nomes gregos — que vêm repor a questão da antiguidade da helenização da Macedónia — traziam consigo um enigma apaixonante: a identificação do morto principal, o do Túmulo II. Embora uma hipótese desde logo parecesse impor-se, e o próprio Prof. Andro-

nikos a tivesse como quase certa, era necessário aplicar-lhe todos os recursos da ciência moderna para a confirmar. Desse processo nos dá conta um artigo recentemente publicado no *Journal of Hellenic Studies* 94 (1984) 60-78, por A. J. N. W. Prag, J. H. Musgrave e R. A. H. Neave, «The skull from Tomb II at Vergina: King Philip II of Macedon». Esta equipa interdisciplinar fez a análise anatómica do crânio em todos os seus pormenores; procedeu depois à sua reconstituição; e, por último, confrontou os dados obtidos com a tradição histórica e as provas arqueológicas. O crânio apresentava as marcas próprias de um homem que perdeu o olho direito e sofreu algumas lesões nesse lado da face, dezóito anos antes de morrer — o que condiz de forma impressionante com o comentário de Didymus Chalcenterus a Demóstenes, que refere que Filipe II perdeu o olho direito por ter sido atingido por uma seta enquanto inspeccionava as defesas do cerco de Metona — ou seja, em 354 a.C., dezóito anos antes de ser assassinado. Por isso, ao terminar o artigo, conclui: «Foi intrigante ver em quantos aspectos o resultado veio a corresponder aos tão debatidos retratos antigos de Filipe II, sobretudo a face quadrada, com um queixo forte e rugas da testa pronunciadas, a marcada desigualdade entre os dois lados da face e a lesão desfiguradora do olho direito. Podem sem dúvida encontrar-se diferenças menores, mas da espécie que não depende da estrutura óssea do crânio e que podem encontrar-se em pequenos traços do rosto que traem o carácter e estilo de vida da pessoa, mas não deixam sinais físicos.»

A possibilidade, quase certeza, de tão sensacional identificação é tão grande que os seus proponentes têm anunciadas conferências, no âmbito da *Hellenic Society*, para o ano académico de 1984-85, em diversas cidades inglesas. Assim, A. J. N. Prag falará em Nottingham e em Sheffield sobre o tema «Reconstructing the skull of Philip II from Vergina», e o mesmo especialista, juntamente com R. A. H. Neave, fará uma exposição em Newcastle-under-Lyme, cujo título, de ressonâncias schliemannianas, mas sem as incertezas da descoberta do famoso descobridor de Micenas, é bem elucidativo: «I have gazed upon the face of Philip of Macedon».

M. H. R. P.

CONGRESSOS HUMANÍSTICOS

Diversos congressos têm demonstrado a vitalidade dos Estudos Clássicos em todos os países cultos. E, se uns são de carácter geral, como o **8.º Congresso da Federação Internacional de Estudos Clássicos, em Dublin** (27.8-1.9.1984), outros dizem respeito a domínios especializados de diversas áreas ou comemoram eventos. Está neste último caso o **Convegno Internazionale di Studi su Albio Tibullo, em Roma e Palestrina** (10-13.5.1984), organizado pelo Comitato Nazionale per le celebrazioni del Bimillenario della morte di Albio Tibullo.

Um tema de grande interesse foi o que reuniu classicistas de muitos países, para falarem de **La Filologia Greca e Latina nel Secolo XX, em Roma**, de 17 a 21 de Setembro de 1984. É significativo o número e variedade de países, de todos os continentes, que mandaram os seus delegados, e que foram, por ordem de apresentação de comunicações, Grécia, Holanda, Suíça, Israel, Espanha e Países Hispano-americanos, Estados Unidos, Bulgária, Áustria, República Democrática Alemã, Portugal e Brasil, França, Austrália e Nova Zelândia, Turquia, Grã-Bretanha, Jugoslávia, Japão, Dinamarca, Noruega, Suécia e Finlândia, Bélgica, Itália, União Soviética, Canadá, Hungria, África do Sul, Polónia, Checoslováquia, Irlanda, Roménia, República Federal Alemã. De notar que alguns países enviaram dois conferentes, um para a Filologia Grega e outro para a Filologia Latina (caso da França, da Inglaterra, do grupo dos três países escandinavos com a Finlândia, da Itália e da República Federal Alemã) e os Estados Unidos consagraram uma terceira comunicação à crítica textual. Em relação a Portugal e Brasil, o trabalho foi feito pela Doutora Maria Isabel Rebelo Gonçalves, da Universidade de Lisboa.

Embora efectuado em Novembro de 1978 (tendo as respectivas actas saído em Mainz, no ano seguinte), merece que se lhe dê ainda relevo, pelo significado contido no próprio título, o Simpósio **Vasenforschung nach Beazley**, que o Deutscher Altphilologenverband promoveu em Tübingen.

Também sobre vasos gregos, o **International Symposium on Ancient Greek and related Pottery** reuniu em Amsterdam, de 12 a 15 de Abril de 1984. Ainda dentro dos domínios da arte grega, o acontecimento mais notável foi a realização do **Parthenon Kongress em Basileia**,

de 4 a 8 de Abril de 1982 (actas acabadas de publicar em Mainz, 1984) no qual tomaram parte mais de 400 cientistas de quinze países ao tempo em que principiou a exhibir-se a exposição sobre o Párténon, organizada por Berger, com moldagens que são um precioso auxiliar para a reconstituição e reinterpretAÇÃO do mais famoso e formoso de todos os monumentos.

Outra importante reunião foi o simpósio sobre **Greek Art. Archaic into Classical**, realizado de 2 a 3 de Abril de 1982 na Universidade de **Cincinnati** (actas publicadas em 1984). Tratando do período da arte grega actualmente mais admirado, é mais um contributo daquela Universidade que teve a glória de concluir as escavações de Tróia e de efectuar as de Pilos, sob a égide do saber de Blegen.

Também o mosaico teve o seu congresso, e muito apropriadamente, para festejar os dois mil anos da cidade de **Trier**, em cuja Universidade se efectuou, de 8 a 14 de Agosto de 1983, o **4.º Colóquio Internacional sobre o Mosaico**.

Dois simpósios foram consagrados à Medicina antiga. Um foi o **I Convegno Internazionale 'I testi di Medicina Latini Antichi'**, que se reuniu em **Macerata e S. Severino Marche**, de 26 a 28 de Abril de 1984. Os mais de cinquenta especialistas presentes centraram os seus trabalhos sobre as maiores novidades dentro desta área, nos últimos tempos: um manuscrito de Celso, que vem preencher uma lacuna na transmissão do Livro IV, e o único códice de Scribonius Largus. O outro foi o **Cinquième Colloque International Hippocratique**, efectuado em **Berlim**, de 10 a 15 de Setembro do mesmo ano. Médicos, historiadores da Medicina, classicistas e arqueólogos de um total de catorze países discutiram o **Corpus Hippocraticum** e os múltiplos problemas a ele ligados.

Num domínio diverso da história da cultura, que tem estado ultimamente sob os fogos cruzados da crítica, há a assinalar a realização, de 12 a 15 de Dezembro de 1983, em **Leontinos**, pátria de Górgias, do **Convegno Internazionale di Studi su Gorgia e la Sofistica** (recordese que, em 1979, o quarto Colóquio Internacional de Filosofia Antiga, em Bad Homburg, elegera para tema «Os Sofistas e o seu Legado», cujas actas, publicadas em 1981, marcaram uma época nesses estudos).

As sempre candentes questões do mundo micénico e da chamada invasão dórica foram igualmente tema de encontro de especialistas. Assim, de 7 a 8 de Julho de 1984, na Universidade de **Colónia**, tratou-se de **Forschungen zu Aegaeischen Vorgeschichte: Das Ende der myke-**

nischen Welt. No ano anterior, de 11 a 13 de Abril, tivera lugar em Roma o **Colloquio Internazionale 'Dori e mondo egeo. I termini della questione dorica'**. E em 1981 realizara-se o **VII. Colóquio Internacional de Micenologia**, em Nuremberga.

Num registo diferente, mas sempre actual, há a mencionar o décimo **Colloquium Didacticum Classicum Basiliense**, de 23 a 28 de Setembro de 1984, naquela cidade suíça.

Um lugar à parte cabe sempre às reuniões da **Sociedade Mommsen**, das quais a décima sétima se realizou em **Colónia**, de 24 a 27 de Maio de 1983, e em que participaram, como habitualmente, especialistas de Filologia Clássica, História Antiga e Arqueologia. De salientar dois momentos do encontro: a chamada de atenção, pelo Presidente da Sociedade, para os inconvenientes da separação entre Filologia Grega e Latina, que nalgumas Universidades estava a praticar-se; a consagração de uma tarde à recepção de Virgílio na literatura europeia. Neste contexto se situa a comunicação de M. von Albrecht, de Heidelberg, sobre o *Paraíso Perdido* de Milton e *Os Lusíadas* de Luis de Camões (enumerados nesta ordem).

Entre os congressos anunciados para 1985, figuram o da **Societas Internationalis Studii Neolatinis Provehendis**, marcado para **Wolfenbüttel**, de 12 a 16 de Agosto; e das seis **Sociedades inglesas de Estudos Clássicos** (Hellenic Society, Roman Society, Classical Association, British School at Athens, British School at Rome, Joint Association of Classical Teachers), a efectuar em **Cambridge**, de 29 de Julho a 2 de Agosto; e o **Omnium Gentium ac Nationum Conventus Latinis Litteris Linguaeque Fovendis**, com o tema 'Brittania Latina', a realizar em **Durham**, de 5 a 10 de Agosto.

M. H. R. P.

UNIÃO LATINA

No seu congresso de 17 de Outubro de 1983, a União Latina, organização intergovernamental que à altura reunia catorze Estados de língua novilatina (Brasil, Equador, Espanha, França, Haiti, Honduras, Itália, Nicarágua, Paraguai, Peru, Portugal, República Dominicana, Roménia e Venezuela), adoptou um programa em que se dava especial ênfase: *a) à propaganda e valorização das línguas novilatinas; b) a acções regionais e diplomáticas em favor do ensino das línguas latinas nos estabelecimentos secundários e superiores dos países membros; c) à cooperação para o enriquecimento do vocabulário científico e técnico do Espanhol, do Francês, do Italiano, do Português e do Romeno.*

De qualquer destas alíneas há exemplo de acção prática já desenvolvida:

*a) Edição do volume em 359 p., *Un milliard de Latins en l'an 2000. Étude de démographie linguistique sur la situation présente et l'avenir des langues latines*, Paris, L'Harmattan — Union Latina, 1983.*

Sob a direcção de Philippe Rossillon, presidente da Associação *Cultura Latina*, e a participação financeira desta e de União Latina, Portugal, e França, o estudo tem como propósito calcular a população de língua latina no mundo em 1980 e fazer a estimativa do seu crescimento até ao ano 2000.

O cap. IV, *Le Portugais dans le monde* (pp. 143-183, completadas com quadros estatísticos anexos, nas pp. 301-315), começa por abordar a história da língua portuguesa e a sua situação no mundo, terminando o Prof. D.-H. Pageaux desta forma: «On ne peut que souhaiter que cette langue et la riche culture dont elle est le véhicule obtiennent une véritable reconnaissance, grâce à des traductions encore trop rares, de la part de ses soeurs latines» (p. 152).

Segue-se uma apresentação geral do mundo lusófono, onde se faz a história da implantação do Português no mundo, da situação actual da língua nos países de expressão portuguesa e nas comunidades de emigrantes portugueses e cabo-verdianos.

Nos quadros de estimativa demográfica, calcula-se, para 1980, o número de 150.688.400 habitantes nos países de língua oficial ou materna portuguesa, ou seja, 3,4% da população mundial se se contar

com os 2.281.300 emigrantes espalhados pelo mundo. As estimativas da UNESCO para o ano 2000, com tudo o que de aleatório se tem evidenciado na futurologia demográfica, ressalve-se, prevêem 231 098 800 habitantes, o que fará 3,8% da população mundial, números inferiores aos do Population Reference Bureau de Washington D.C., respectivamente 240.700.000 e 3,9%. Os lusófonos europeus passarão, nesse espaço cronológico, de 2,9 para 3,2% da população da Europa.

Segue-se um estudo sobre a população lusófona considerada em dois blocos distintos: o dos países de língua materna quase exclusiva (Portugal e Brasil), e o da África lusófona de expressão oficial portuguesa. Para esta, de uma percentagem real de 17,1% de maiores de seis anos a dominarem o Português em 1980, as projecções estatísticas apontam para uma forte progressão, até atingir os 41,3% no fim do século, continuando a crescer mesmo para além desse horizonte. Em termos absolutos, haverá nessa altura 11.114.000 falantes do Português em Portugal, 187.493.000 no Brasil, 11.200.000 na África, que terá ultrapassado, pois, o número de falantes da Europa, com tendência a distanciar-se cada vez mais. Os números são indubitablemente merecedores de consideração. Eles sugerem franco optimismo quanto ao crescimento da importância do Português e das comunidades lusófonas no mundo. Nessa linha, o estudo faz um apelo para que essas comunidades saibam encontrar as vias de cooperação que permitam o enriquecimento desse instrumento comum de comunicação e a sua afirmação nas instâncias internacionais.

A validade da conclusão apontada parece inquestionável, atendendo às naturais consequências de uma maior abertura de Portugal ao exterior, ao surgimento de um número significativo de novos países de expressão portuguesa e à próxima entrada para a CEE.

Curiosamente, no próprio dia em que esta nota era escrita (19-3-85) podia ler-se no JN, em artigo do conceituado correspondente em Londres, Gilberto Ferraz, a seguinte opinião do Prof. H. M. Macedo, Catedrático de Português do King's College: «Enquanto estudos com outras culturas estão a ser ligeiramente reduzidos, no campo do Português há uma afluência cada vez maior de candidatos e há este exemplo flagrante de ser possivelmente o único departamento nesta Universidade que cresceu com a criação (que foi considerada prioritária) de um novo cargo de estudos africanos». De igual modo, no decurso do mês de Abril de 1985 vários artigos e notas de jornais assinalaram o funcionamento, no ano lectivo próximo, de cursos de Português língua

estrangeira segunda em dúzia e meia de estabelecimentos de ensino secundário da República da África do Sul.

É igualmente optimista a conclusão respeitante à importância das comunidades e línguas novilatinas no futuro. No ano 2000 elas representarão 1/6 da população mundial e quase 1/4 do produto bruto. Isso parece destiná-las a uma influência dominante dentro de 30 ou 40 anos.

b) Entre Abril e Julho de 1984, através do Embaixador Delegado Representante Permanente de Portugal junto da UNESCO, Prof. Vítor Crespo, solicitou a União Latina informação sobre o número de estudantes de Latim nos ensinos secundário e superior em Portugal, e comunicou a sua disponibilidade para conceder à dois ou três candidatos portugueses de idade entre os 18 e os 22 e um conveniente nível de conhecimento da língua latina, uma viagem e estadia em Roma de cerca de duas semanas, para uma jornada de intercâmbio com uma vintena de jovens latinistas de Estados latinos.

Dada a morosidade dos trâmites burocráticos, creio que será necessário, em futuras iniciativas, alargar os prazos das candidaturas, e, na medida do possível, contactar directamente os estabelecimentos de ensino superior para que a participação portuguesa em iniciativa tão interessante para a juventude possa continuar a efectivar-se a um nível representativo do país.

c) De acordo com notícia de Expresso — Informática de Outubro de 1984, a União Latina promoveu, de 29 de Outubro a 2 de Novembro, na Biblioteca Nacional de Lisboa, uma exposição de terminologia científica e técnica e de linguística informatizada, onde teria sido possível a consulta dos bancos de terminologia da CEE — Luxemburgo, Canadá, Quebec, Tranterm — Paris, Normaterm — Paris, e Orthotel — Estrasburgo. Projectavam-se ainda demonstrações do sistema de gestão de dicionários Alexis, de interrogação de bases de dados em linguagem natural Saphir, e de tradução assistida por computador Ariane.

F. OLIVEIRA

COLÓQUIO INTERNACIONAL

LA LATINITÉ, AUJOURD'HUI

A mesma ânsia de defesa das línguas novilatinas e, concomitantemente, do Latim, levou o Centre International d'Études Pédagogiques de Sèvres a reunir, entre 8 e 10 de Março de 1983, um largo espectro de países e organizações interessados. Foram jornadas de estudo e discussão aprofundada, num tom menos optimista que o das perspectivas assinaladas pela União Latina. De facto, focou-se de preferência a situação actual, lamentando-se que frequentemente aqueles que falam contra a hegemonia cultural das grandes potências, na prática pouco façam para incentivar, nos países de expressão latina, a preservação e brilho de uma herança cultural e linguística que lhes poderia dar uma posição de relevo no Mundo.

O Prof. Nicolescu de certo modo exprimiu o sentir dos participantes ao advogar que o Latim devia ser, ao nível do ensino, «une langue pour toutes les langues romaines». O parentesco evidente entre as línguas novilatinas sugere de facto que, tendo o Latim como intermediário, qualquer falante de uma delas terá uma base segura para uma fácil aprendizagem de qualquer das outras, e até das línguas anglo-germânicas. De resto, o Prof. J. Beaujeu, de Paris IV, recordou, para meditação de muitos professores dos países envolvidos no colóquio, que na Alemanha os docentes de Inglês exigem o conhecimento da língua latina. Assim, o estudo deste idioma justifica-se não apenas em si, mas como forma de facilitar a aprendizagem de línguas estrangeiras, um dos campos de maior importância nos tempos que se aproximam, como é reconhecido por organismos como a UNESCO, e como processo de afirmar, senão a identidade cultural de um vasto sector da população mundial, pelo menos a consciência da sua importância linguística e cultural no mundo.

F. OLIVEIRA

OS CLUBES DE JOVENS BUDÉ EM FRANÇA.

A defesa do Latim e do Grego, para além do tom apologético normal em qualquer colóquio como o que acima foi citado, faz-se, com frutos porventura mais imediatos, através da dinamização cultural que, ao nível do ensino, professores e alunos possam empreender.

Em França, desde 1945 que existem, sob a égide da Associação Guillaume Budé, clubes e secções de jovens, por estes promovidos e criados, com a condição de integrarem um elemento que seja membro da Associação. Nas escolas, orientados por um professor-animator, esta iniciativa tem sido agente de algum dinamismo e até de natural inveja. De resto, os clubes são abertos a todos os jovens, até aos 30 anos.

Embora tenham como ponto de referência as civilizações clássicas, eles abrem-se facilmente a outros interesses e culturas, no lema de conhecer para compreender. As suas actividades têm sido variadas: conferências, exposições, debates e reuniões a propósito de livros, discos, filmes, antigos ou recentes, troca de impressões com personalidades que não pertençam ao mundo da Universidade mas tenham uma vida e experiência profundas, manifestações teatrais e artísticas, congressos internacionais, excursões arqueológicas, literárias e turísticas, viagens principalmente à Grécia e à Itália, escavações, jornais de secção. Está mesmo prevista a edição do Boletim dos Jovens Budé.

O processo de criação de tais agrupamentos, em escolas ou fora delas, deve partir da iniciativa dos interessados, que, depois de organizados, pedirão a sua aceitação oficial na Associação G. Budé através do Secretário dos Jovens. A Associação põe à disposição dos clubes e secções, vinhetas, insígnias, cartazes, prospectos e diapositivos.

A existência de tais clubes está prevista no art. XII dos estatutos da Associação G. Budé, podendo eles ser abertos em França ou no estrangeiro.

No Hexágono já a semente deu fruto. Agora seria interessante ver surgir algo que permitisse um intercâmbio internacional. Em que medida é que os jovens helenistas e latinistas portugueses estarão abertos a uma iniciativa deste género, na procura de um relacionamento que, não sendo impossível, seria interessante, útil e cheio de novidade?

F. OLIVEIRA

ARQUEOLOGIA CLÁSSICA EM MUSEUS BRASILEIROS *

Com a criação, em 1964, do Museu de Arte e Arqueologia da Universidade de São Paulo, iniciou-se uma tradição de estudos e pesquisas sobre Arqueologia Clássica, com importantes actividades de carácter científico e museológico. Este primeiro museu, cujo nome transferiu-se mais tarde para Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE), originou-se dos esforços de Francisco Matarazzo Sobrinho, que organizou naquela ocasião uma comissão composta, além dele, dos professores Sérgio Buarque de Holanda (presidente), Eurípedes Simões de Paula e Paulo Duarte, encarregada de estabelecer contactos com representantes de entidades oficiais e museus da Itália, o que resultou na obtenção de valioso acervo de Arqueologia Clássica, núcleo do que, acrescido das colecções egípcia e médio-oriental, ora se denomina sector Mediterrânico e Médio-Oriental do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP.

Associando-se aos interesses da comissão fundadora desse museu, o Prof. Robert H. Aubretton encaminhava dois de seus discípulos para estudos de Arqueologia Clássica, em primeiro lugar, o Prof. Ulpiano T. Bezerra de Meneses, Director do MAE de 1968 a 1978 e responsável pelo desenvolvimento do acervo e constituição de uma biblioteca especializada, e em seguida a autora deste artigo, que se tem responsabilizado pela sua área de Arqueologia Clássica.

A colecção originária de um milhar de peças, acresceram-se ao longo dos anos vários objectos, resultado de doações e aquisições, chegando-se a mais de duas mil peças representativas das culturas clássicas do Mediterrâneo e provenientes principalmente de Chipre, da Grécia, da Itália e de Portugal. São artefactos de pedra, terracota, bronze, cerâmica, vidro, etc., que se prestam a importantes considerações sobre as culturas do mundo antigo.

A título de exemplo, vale lembrar a série de vasos de diferentes oficinas greco-itálicas e cipriotas, estatuetas de terracota e outras esculturas de pedra e de bronze, lamparinas de terracota de vários tipos e

* Esta nota, com algumas modificações, é o texto de nossa autoria publicado no Suplemento Cultural de *O Estado de São Paulo*, Julho de 1978, 3-4.

cronologias, moedas da Grécia e de Roma, fíbulas e vários ornatos em bronze. Algumas peças, sobretudo, já haviam sido, se não estudadas, pelo menos catalogadas em antigos repertórios e eram tidas como desaparecidas por especialistas estrangeiros, os quais, só recentemente, por informações nossas, puderam cientificar-se do seu paradeiro em nosso museu. Tal é o caso de três documentos que já foram objecto de publicações recentes: a ânfora ática decorada com figuras negras, do final do séc. VI a.C., comportando representação de cenas mitológicas (Dioniso e Ménade — Héracles combatendo o touro de Creta), que pertenceu à antiga coleção A. Loebbecke, de Brunswig (1). O busto funerário de Palmira, em calcáreo e datado do séc. II-III d.C., é mencionado no *Corpus Inscriptionum Semiticarum*, 1947, II, 4293, com um desenho antigo, pouco fiel ao original, e a indicação «*lapidis fata ignoramus*» (2). Finalmente, é também o caso do baixo-relevo cultual, de mármore, com representação de Mitra sacrificando o touro, obra do período imperial romano, que o especialista holandês em iconografia Mithriaca, M. J. Vermaseren, pôde associar a um pequeno santuário dessa divindade, localizado em Roma (3).

Constituído o acervo, houve a preocupação em estruturar programas de pesquisas que dessem a esta coleção uma dinâmica apropriada em um contexto universitário. A documentação material disponível, sem dúvida a mais diversificada e representativa coleção de Arqueologia Clássica do país, tem sido ponto de referência para o exercício da docência no âmbito da Universidade de São Paulo, em nível de graduação e de pós-graduação; mas ainda, tem fundamentado pesquisas em profundidade, algumas já concluídas, outras em andamento, sobre as culturas que produziram tais obras.

(1) Cf. *Werke antiker Kunst. Sammlungen A. Loebbecke, Braunschweig, und Dr. Witte — Rostock*, Berlim, 1930, pr. 3, 452; J. D. Beazley, *Attic Black-figure Vase Painters*, Clarendon Press, Oxford, 1956, 601, n.º 19; H. Sarian, «Mito e imágistica nos vasos gregos», Suplemento Cultural de *O Estado de São Paulo*, Junho de 1979.

(2) A publicação correcta da inscrição em palmirense foi feita, em breve nota, acompanhada da fotografia da peça, por J. Texidor, «*Bulletin d'Epigraphie Sémitique*», *Syria*, 51, 1974, fasc. 3-4, 334, n.º 162 e fig. 2.

(3) Cf. *Mithriaca IV. Le monument d'Ottaviano Zeno et le culte de Mithra sur les Célius*, Leide, E. J. Brill, 1978 (tomo XVI da série *Études Préliminaires aux Religions Orientales dans l'Empire Romain*; H. Sarian, «Baixo-relevo cultual: Mitra tauróctono», *Revista de Antropologia*, FFLCH-USP, São Paulo, vol. 23, 1980, 141-159.

Além das actividades decorrentes do aproveitamento adequado desta colecção de Arqueologia Clássica da USP, foram estabelecidos programas em conjunto com outros museus brasileiros, os quais passaram a participar de projectos internacionais centralizados no próprio Museu de Arqueologia e Etnologia, através de suas colecções de moedas greco-romanas, tais como o Museu Paulista da USP, o Museu Histórico Nacional e o Museu do Banco do Brasil, do Rio de Janeiro.

A programação das pesquisas em Arqueologia Clássica do MAE-USP inclui ainda, a nível nacional e internacional, o importante acervo do Museu Nacional da Quinta da Boa Vista, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (MNRJ), visando através de acordos o seu aproveitamento científico. Desse modo, em 1973, a autora deste artigo iniciou programa de pesquisa sobre a documentação arqueológica do MNRJ e, juntamente com uma equipe de pesquisadoras e pós-graduandos, já articulou a publicação sistemática do acervo que, além do seu valor intrínseco, possui também grande importância histórica, uma vez que está ligada à família imperial brasileira e origina-se da colecção que fundamentou a criação do Museu Nacional de Nápoles, na época dos Bourbon-Farnese.

Com mais de 700 peças distribuídas entre vasos de cerâmica, lamparinas e estatuetas de terracota, objectos de bronze, pequenas esculturas em pedra, frascos de vidro, amuletos fálicos e painéis de pintura mural, esta colecção foi trazida ao Brasil pela Imperatriz Teresa Cristina, princesa da dinastia dos Bourbon, irmã de Fernando II de Nápoles e descendente de Paulo III Farnese. Esta nobre filiação à importante família real napolitana já orienta a busca das origens dos objectos arqueológicos do Museu Nacional. Com efeito, algumas peças fizeram parte da antiga colecção da rainha Carolina Murat, irmã de Napoleão Bonaparte e esposa de Joaquim Murat, rei de Nápoles de 1808 a 1815, colecção esta que ficou na cidade quando, em 1806, Fernando I, e depois em 1830, Fernando II, reafirmaram o poder no reino das Duas Sicílias. Foram os Bourbon de Nápoles que organizaram o acervo arqueológico do chamado Museo dei Vecchi Studi, reunindo os objectos da colecção dos Bourbon-Farnese aos da colecção de Carolina Murat; foram eles também que mudaram o nome do museu para Real Museo Borbonico, o mesmo que actualmente se chama Museo Nazionale di Napoli.

Tanto as peças da colecção de Carolina Murat quanto os objectos recolhidos pelos Bourbon são provenientes de escavações ou achados

fortuitos de vários sítios arqueológicos da Itália, sendo difícil estabelecer-se com precisão os locais exactos em que foram encontrados; entretanto, uma boa parte provém das antigas escavações de Herculano e Pompéia, como por exemplo alguns bronzes, os amuletos fálicos, os frascos de vidro e os painéis murais; sabe-se também que alguns vasos da coleção Murat saíram das escavações efectuadas na actual área do edifício que abriga o Museo Nazionale di Napoli, quando de sua construção; finalmente, há vasos etruscos de *bucchero* e outros objectos cuja proveniência é sem dúvida Veios, peças estas encontradas durante as escavações arqueológicas promovidas pela Imperatriz Teresa Cristina em 1853 em sua propriedade «isola Farnese» (4).

Não é provável que toda a coleção tenha sido trazida ao Rio de Janeiro na mesma época; as primeiras peças chegaram certamente em 1873 — dez utensílios de bronze de Herculano e Pompéia, que foram vistos, descritos e desenhados por Thomas Ewbank, quando de sua visita à Quinta Imperial da Boa Vista, e por ele publicados em 1856 (5).

Além desta informação, outras referências são encontradas em obras do século passado e início deste: em 1828, o clássico repertório de Gerhard-Panofka, *Neapels antike Bildewerke*, cita nove vasos da coleção Murat identificáveis com peças do Museu do Rio de Janeiro; a extensa obra de G. Fiorelle, de 1878-1880, *Documenti inediti per servire alla storia dei Musei di Italia* (Florença-Roma, I, II e IV), reconstitui não só monumentos importantes na formação das coleções de Carolina Murat e dos Bourbon-Farnese, como reproduz o inventário das peças da rainha, feito em Nápoles quando elas foram transferidas em 1815 para o Museo dei Vecchi Studi; coincidentemente, um destes vasos, uma cratera lucânica decorada com interessantes cenas mitológicas, actualmente conservada na seção de Arqueologia do Museu da Quinta, é citado em um artigo de V. Macchioro, que publica igualmente dois velhos desenhos, nas figuras 23 e 24, tirados dos arquivos

(4) Informações obtidas por correspondência, em 1981, e, pessoalmente em 1982, do Dr. Filippo Delpino, do Centro di Studio per l'Archeologia Etrusco-Italica, Consiglio Nazionale delle Ricerche, Roma.

(5) Cf. *Life in Brazil*, New York, Harper and Brothers, 1856; tradução portuguesa de Jamil Almansur Haddad, EDUSP — Livraria Itatiaia Editora Ltda., Belo Horizonte, 1976, 116-117.

de Nápoles, com a seguinte indicação à p. 304: «...cratere sperduto, già posseduto dalla regina Carolina Murat» (6).

Somente em 1958 houve uma tentativa de estudo sistemático da colecção. H. R. W. Smith, professor de Arqueologia Clássica da Universidade de Berkeley, fez um levantamento inicial das peças, objectivando a sua publicação. Infelizmente, não pôde concluir os seus estudos, mas pela primeira vez houve um aproveitamento científico das peças, resultando em dois artigos: um deles, à guisa de relatório, foi apresentado com o título «Investigation in the National Museum in Rio de Janeiro», na revista *Year Book of the American Philosophical Society*, 1960, pp. 569-574, do qual existe uma tradução publicada em 1962 no *Boletim do Museu Nacional de Belas Artes*, Rio de Janeiro, 2 de Outubro; muito mais importante foi o seu estudo de um dos vasos da colecção, com representação fílápica (cena burlesca inspirada da tragédia grega): «Phlyax vase in Rio de Janeiro», *The American Journal of Archaeology*, 66, 1962, pp. 323-331.

Finalmente, por informações do próprio Smith, o grande especialista da cerâmica italiota, A. D. Trendall, incluiu em sua obra alguns exemplares desta colecção: assim é que encontramos em *The Red-Figured Vases of Lucania, Campania and Sicily* (Oxford, 1967, 2 volumes), devidamente repertoriados e com as atribuições dos seus respectivos artistas, oito vasos pintados da Lucânia e doze da Campânia.

Não é difícil concluir que a importância destas colecções de Arqueologia Clássica ultrapassa a simples curiosidade museográfica e o seu aproveitamento meramente didáctico. Património das culturas clássicas, esta documentação material presta-se a estudos aprofundados sobre os problemas históricos e antropológicos que fundamentam a formação cultural do homem ocidental de que somos parte integrante.

No tocante à pesquisa científica, oferecem um interesse múltiplo. Em primeiro lugar, devemos salientar que se compõem dos mais variados tipos de artefactos que possibilitam o conhecimento das técnicas de produção, seja em cerâmica, em bronze, em terracota, em vidros, etc. Este facto já abre caminho para a pesquisa sobre a tecnologia da antiguidade clássica, que por sua vez recobre importante área de estudo sobre a história geral dessa tecnologia da qual o mundo antigo é não só participante, mas também origem de uma longa evolução.

(6) «I ceramisti di Armento in Lucania», *Jahrbuch des deutschen archäologischen Instituts*, 27, 1912, 265-316.

Em segundo lugar, há que considerar os subsídios de interesse capital que oferecem estas colecções para o conhecimento da história da arte clássica. Basta lembrar a série importante de vasos gregos, italiotas e etruscos, na maioria deles atribuíveis a centros de produção e oficinas de artistas célebres do mundo clássico; os exemplares de estatuetas, dignos representantes de uma arte das mais nobres que nos legou a antiguidade greco-romana; os painéis de pintura mural de Pompéia, etc. Inerente ao próprio estudo dos objectos do ponto de vista essencialmente artístico, estende-se ainda o valor dessas colecções ao conhecimento de um outro capítulo da história da arte, o da iconografia que, na maior parte dos casos, projecta-se também no campo da história mítica e religiosa, uma vez que suas representações, seja na figuração dos vasos, das moedas e lamparinas, seja na estatuária, referem-se a cenas e personagens do mundo heróico e divino.

Muitos elementos da própria vida religiosa dos antigos podem ser conhecidos através do aproveitamento adequado de algumas das peças dessas colecções. Sabemos que, dentre as estatuetas, um número representativo provém de santuários onde estes objectos eram depositados como *ex-votos* e testemunham uma religiosidade particular a certas camadas sociais; por outro lado, o grupo de amuletos fálicos proveniente de Pompéia, por sua significação mágico-religiosa, abre caminho para o estudo de um verdadeiro capítulo sobre o comportamento religioso popular dos romanos.

Finalmente, por tratar-se em parte de peças provenientes de centros de produção da Magna Grécia e Sicília, mas reproduzindo técnicas, estilos e significados gregos, há que se levar em conta a sua importância para o conhecimento da projecção da cultura grega em áreas de influência, como o foi a região da Itália colonizada pela Grécia: comércio, trocas, contactos diversos entre gregos e itálicos interferem na assimilação de técnicas, de estilos, de comportamentos, discerníveis através da cultura material que estes povos nos legaram.

HAIGANUCH SARIAN

*Museu de Arqueologia e Etnologia
Universidade de São Paulo*

VESTÍGIOS ROMANOS EM SPLIT

A moderna Split estende-se ao longo da costa adriática oriental, numa península dálmata, protegida das agruras dos ventos continentais pelos montes Kosjak e Mosor em território jugoslavo. Pela suavidade climática que a caracteriza, Split atraiu estratos sucessivos de povos, que fizeram, como o provou a arqueologia, a sua história urbana, velha de dois milénios.

O primeiro centro urbano, Salona, situado um pouco mais no interior cruzamento de grandes vias de comunicação, privilegiado pela fertilidade dos campos e amenidade do clima, converteu-se numa potência administrativa, religiosa e cultural, como colónia grega primeiro e romana mais tarde. Numa zona litorânea, a sul, surgiu um segundo núcleo citadino, *Aspalathos* e depois *Spalatum*, que, já nos sécs. III-IV, Diocleciano escolheu como enquadramento feliz para uma luxuosa mansão. Desejou-a o imperador majestosa e robusta, apetrechada com todos os edifícios residenciais e religiosos necessários à família imperial, mas sem a onerar com as construções públicas constantes em todas as cidades romanas. Surgiu assim um complexo urbanístico único, de traça rectangular, opulento nas suas muralhas e torres de protecção, mas sonhador no seu convívio permanente com a carícia azul do Adriático. Foi este o derradeiro refúgio de Diocleciano, e continuou propriedade da família imperial romana, depois da morte do seu fundador.

Na Idade Média, já a partir do séc. IX, Split sofre a primeira remodelação profunda, que se orienta em três direcções: adaptação das componentes principais do palácio, peristilo e templos, que passam a constituir o centro administrativo e religioso da cidade. O velho peristilo romano funciona agora como a única praça da urbe, o mausoléu imperial converte-se em catedral de S. Doimo, e, sobre a muralha, as galerias superiores renascem como pequenas capelas, que protegem simbolicamente os acessos de Split. A insuficiência dos edifícios romanos promove, dentro das muralhas, o desenvolvimento de novas construções, que substituem a amplitude do traçado primitivo por um emaranhado de ruas, de desenho espontâneo, que circundam as novas habitações. É também este o momento em que uma nova cidade se expande fora dos muros romanos, num alargamento cada vez mais amplo. Os sécs. XII-XIV assistem a transformações constantes no

interior do palácio, que em boa parte o consagram com a feição que ainda hoje é a sua. Ergue-se, anexo à catedral, antigo mausoléu de



Diocleciano, um campanário românico, a denunciar já influência renascentista nos acabamentos superiores, e, do outro lado do peristilo, constrói-se o palácio municipal, limites que circunscrevem o coração

político e religioso da Split medieva. Entretanto, fora das muralhas, a ‘cidade nova’ continua uma expansão imparável, que acabará por a impor como centro municipal, sem, no entanto, roubar ao peristilo romano o seu tradicional papel cultural.

Entre os séc. xv-xviii, a cidade vive sob o domínio veneziano, que não deixa de gravar sobre a velha urbe traços impressivos de um estilo novo. A um nome famoso como o de Nicola il Fiorentino é atribuída a arquitectura do palácio Grisogono-Cipci, uma das mais belas construções da arte renascentista de Split, que dá a um dos ângulos do peristilo um novo matiz. Finalmente os sécs. xix-xx, sobretudo os últimos vinte e cinco anos, assistiram à reconstrução e recuperação dos seculares edifícios da cidade, que exerce sobre o visitante um delicioso atractivo.

A residência imperial, apertada pela cintura das muralhas, aparece dividida pelo *Decumanus* em duas metades de dimensões semelhantes, mas de estrutura distinta. A oriente, o entrelaçado de ruas, de feição residencial, em que os sucessivos estilos se dão as mãos na mais anacrónica das harmonias. No lado meridional, agrupam-se o peristilo, ladeado pelos quatro edifícios do culto.

Na fachada meridional, concentrou o artista o fausto da mansão. Batida pelo mar à altura da construção, a fachada mira-se hoje no Adriático através de uma ampla avenida, de paisagem mediterrânica, que recebeu o nome do Marechal Tito. A parte baixa da muralha, que já no tempo romano se abria para o exterior através de estreitas janelas, corresponde nos nossos dias a uma zona comercial das mais desenvolvidas de Split. O andar superior, primitivamente rendado por uma sucessão de arcadas, separadas por meias colunas, viu-se, ao longo da Idade Média, transformado em residência de famílias nobres, carácter habitacional que ainda hoje conserva. No topo da fachada, onde se estendia o corredor de vigia, vieram acumular-se casas de habitação que desfearam, sem remédio, o equilíbrio da traça primitiva. Um acesso central conduz, por uma ampla galeria, através do vestíbulo, ao peristilo, rodeado, em três dos seus lados, por colunas. A entrada do lado meridional guia o visitante pelas colunas do prótiro, que sustentam o frontão triangular e um arco semicircular; encimado por um grupo escultórico monumental, hoje perdido, o prótiro ocupa, com elegância, um dos topes do peristilo. Os lados oriental e occidental são ornados de colunata de capitéis coríntios, unida por arcos e por uma cornija ricamente decorada. Do lado oriental, a colunata dá

acesso ao mausoléu de Diocleciano, hoje catedral de S. Doimo. Sobre uma plataforma elevada, ergue-se o templo, em forma octogonal, circundado por um corredor externo, limitado por colunas e abrigado por um tecto, só parcialmente conservado. No interior, duas filas de colunas, alinhadas ao longo das paredes, sustentam uma cornija, encimada por um fresco, em que se distinguem as figuras de Diocleciano e da imperatriz Prisca.

O sarcófago imperial, que ocupou o centro do mausoléu, foi destruído no séc. VII; o que dele resta guarda-se hoje no museu arqueológico local. Os altares, juntamente com o púlpito e os ornamentos escultóricos das portas acrescentam, ao conjunto romano, a presença medieval. O contraste interior é coadjuvado pela visão externa de um campanário, hoje completamente restaurado, que se ergue ao lado da catedral: românico na forma dos arcos e capitéis, e que prenuncia já o gótico na abertura das superfícies das paredes.

A ocidente do peristilo alinhavam-se três templos menores. O templo rectangular, dedicado ao culto de Esculápio, erguia-se sobre uma base elevada, em que assentam seis colunas, a constituírem um pórtico. Danificado embora, o *pronaos* exibe ainda a elegância das arquitraves e dos umbrais faustosamente decorados com símbolos pagãos. A abóbada interior passou a abrigar, desde a Idade Média, uma pia baptismal e os sarcófagos de dois arcebispos de Split, que deram ao velho templo de Esculápio uma nova feição, a de baptistério sob o patrocínio de S. João. Também o séc. XX deixou a sua marca neste elegante interior, na estátua de S. João Baptista, da oficina de Mestre Ivan Mestrovic, um nome consagrado na moderna escultura jugoslava. Dois templos, de Cíbele e Vénus, desapareceram sob os fundamentos de uma construção românico-gótica e do famoso palácio das famílias Grisogono-Cipci, em estilo veneziano. No seu interior, o café Luxor, em funcionamento desde o século passado, garante ao peristilo a presença constante e buliçosa de um mundo sedento da frescura amena e do encanto indefinível do palácio romano. Polícrómico, o artesanato jugoslavo converte as ruas na tela vistosa de um artista. Dominado pela magia do local, o turista percorre as velhas ruas, na ânsia de aspirar o sortilégio que se evola do anacronismo ímpar de Split.

MARIA DE FÁTIMA SILVA